

OXIGÊNIO

FEVEREIRO 2025

O

NÚMERO 66

HORIZONTE CERRADO VIVER NO CENTRO DO MAPA



EDITORIAL

A exposição *“Horizonte CERRADO: viver no CENTRO do mapa”* – matéria de capa desta edição – apresenta cerca de 140 obras de 40 artistas da Coleção Sérgio Carvalho. Em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal, reflete a potência artística de uma região que, embora geograficamente central, é culturalmente excêntrica. Os trabalhos revelam narrativas que resistem ao apagamento e celebram a ancestralidade.

No Centro Cultural Correios RJ quatro novas mostras apresentam a cultura cigana, a diáspora africana, o universo da sinuca e o ciclo de vida das mulheres; já nos Espaço dos Correios em Niterói, *“Corpo-Natureza”* traz obras de 68 artistas brasileiros com narrativas de temas urgentes como identidade, territorialidade, emergências climáticas, questões de gênero e de raça.

Mas tem muito mais: a Baía de Guanabara é disparador poético de obras reunidas em mostra que abre o ano expositivo do MAM Rio; também abrindo o calendário de 2025, *“Inatividade Contemplativa”* na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ; *“Marcelo Silveira – Entre o mar, o rio e a pedra”* na Nara Roesler Rio de Janeiro. Em Salvador, *“Corpos terrestres, corpos celestes”*, que propõe diálogo entre os artistas Miguel dos Santos, Erika Verzutti, Gokula Stoffel e Pélagie Gbaguidi; em São Paulo, *“Águas Compostas”*, individual de Willian Santos na Zipper Galeria, além da boa parceria entre MOS e Galeria Athena, que apresentam *“Intermédio”*, de Gustavo Prado. Já na capital capixaba, a OÁ Galeria apresenta *“celebrar os sonhos e os mistérios”*, mostra que comemora 10 anos de trabalho de Rick Rodrigues.

E o Brasil lá fora! Documenta Pantanal leva a Portugal e Alemanha *“Mudança Climática: Água Pantanal Fogo”*. Imperdível também a seleção das melhores exposições de Londres, ao longo de 2025, a começar por Brasil, *“Brasil! The Birth of Modernism”*.

Boa leitura!

Capa: João Angelini, *Sangue de boi* – foto: Vera Donato

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Festival Corpos Visíveis* celebra arte e diversidade em sua 4ª edição, em parceria com a 7ª edição da *Mostra Cine Diversidade* | *Os Donos do Mundo* – Espetáculo de Luccas Papp é inspirado em mundo pós-apocalíptico | *Ziraldo – O Mineiro Maluquinho*

09

MATÉRIA DE CAPA: *Horizonte CERRADO – Viver no CENTRO do Mapa*

17

Quatro novas exposições no Centro Cultural Correios, RJ: *Optchá – A Estrada é o Destino* | *Igbá Odú – Os Braços Fortes da Memória* | *A Obra é o Jogo* | *Nasce uma Noite, Acende um Clarão*

25

Formas das Águas

30

Corpo-Natureza, no Espaço Cultural dos Correios em Niterói, RJ

33

Documenta Pantanal leva a Portugal e Alemanha *Mudança Climática: Água Pantanal Fogo*

39

Marcelo Silveira – Entre o mar, o rio e a pedra na Nara Roesler Rio de Janeiro

44

Em parceria inédita, MOS e Galeria Athena apresentam *Intermédio*, mostra individual de Gustavo Prado

46

Corpos terrestres, corpos celestes

52

DIRETO DE LONDRES: Londres em 2025 – Um ano imperdível

60

Inatividade Contemplativa abre o calendário da Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ

65

Águas Compostas, exposição individual de Willian Santos na Zipper Galeria, SP

67

Celebrar os sonhos e os mistérios na OÁ Galeria, ES

Festival Corpos Visíveis celebra arte e diversidade em sua 4ª edição, em parceria com a 7ª edição da **Mostra Cine Diversidade**



Com foco em gênero, sustentabilidade e mercado criativo, evento acontece no Rio de Janeiro nos dias 1, 7, 8 e 22 deste mês

O *Festival Corpos Visíveis*, primeiro evento na América Latina dedicado à arte e música com foco em gênero e diversidade, está em sua 4ª edição. Totalmente gratuito, tem programação nos dias 1, 7, 8 e 22 de fevereiro, em diversos pontos do Rio, incluindo o centro cultural Futuros – Arte e Tecnologia, Museu de Arte do Rio (MAR), Galpão Bela Maré, Centro de Artes da Maré, Piscinão de Ramos e o Instituto Arteiros na Cidade de Deus.

A 4ª edição também marca a parceria com a *Mostra Cine Diversidade*, evento que exhibe curtas-metragens independentes latino-americanos com temas voltados à diversidade de gênero e sexualidade. Esse ano, a mostra vem com programação mais extensa. São 50 filmes selecionados para abordar temas urgentes, como a interseção entre diversidade sexual, étnico-racial e as questões ambientais.

Com quase três meses de exposições gratuitas em diferentes bairros da cidade e online, a *Mostra Cine Diversidade* oferece sessões e oficinas de audiovisual abertas ao público, com direito a votação popular e premiações em dinheiro.

Nesta edição de verão, o Festival dá ênfase também à preservação ambiental e ao fortalecimento de vínculos entre a arte, a sustentabilidade e a diversidade brasileira. Mulheres indígenas e negras, em especial, têm papel de destaque ao protagonizarem palcos e debates sobre os desafios e as soluções para o racismo ambiental e a crise climática. A proposta é oferecer uma imersão de arte e cultura, além de reflexões sobre os impactos das mudanças climáticas considerando o contexto das populações periféricas e marginalizadas.

"O Corpos Visíveis é mais que um festival, é um espaço para amplificar as vozes que muitas vezes são silenciadas. Nosso compromisso para garantir que isso aconteça é mais forte a cada edição, sendo um festival totalmente realizado e protagonizado por mulheres e LGBTQIAPN+", destaca Karina de Abreu, produtora cultural, co-idealizadora do festival e cofundadora da ColetivA DELAS.

Sobre a ColetivA DELAS

<https://www.coletivadelas.com.br/>

A ColetivA DELAS é um hub de impacto social focado em promover diversidade, equidade e inclusão através da economia criativa. O objetivo é oferecer visibilidade e oportunidades para grupos sub-representados, empoderando estas pessoas e transformando o mercado.

Com mais de 10 anos de experiência, cria eventos e plataformas de diálogo que impulsionam o empreendedorismo criativo e a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

O *Festival Corpos Visíveis* e a *Mostra Cine Diversidade*, realizados pela ColetivA DELAS, contam com patrocínio do Ministério da Cultura e das Secretarias de Cultura do estado e do município do Rio de Janeiro. Oi Futuro, Boomerang Soluções Ambientais, co.liga e Ibermúsicas apoiam ambos os eventos.

SERVIÇO

Festival Corpos Visíveis / Mostra Cine Diversidade

Até 22 de fevereiro

www.corposvisiveis.com

www.instagram.com/corposvisiveis

Gratuito

Ingressos: www.sympla.com.br/evento/festival-corpos-visiveis-feat-mostra-cine-diversidade/2765705



Foto: Alice Machado / Site do evento



Foto: Erik Almeida

“OS DONOS DO MUNDO”

Espectáculo de Luccas Papp é inspirado em mundo pós-apocalíptico

Os Donos do Mundo tem como referências estéticas obras como Mad Max, Eu Sou, a Lenda e O livro de Eli, tramas que perpassam pela linguagem árida e o deserto do apocalipse. Em cena, dez personagens precisam reconstruir a humanidade após o desaparecimento de toda a população

Permeando um universo pós-apocalíptico e refletindo aspectos mais profundos da sociedade, o espetáculo *Os Donos do Mundo* estreia temporada popular no Teatro Alfredo Mesquita, SP, com sessões às sextas e sábados, às 20h, e domingos, às 19h, até 23 de fevereiro.

Criada e dirigida por Luccas Papp, a trama se desenvolve a partir da sobrevivência inesperada de dez jovens com características distintas – sociais, culturais, de gênero e raça – que são reunidos pelo destino após perceberem que todas as pessoas do mundo desapare-

ceram, excetos eles. Juntos, começam a pensar em como reconstruir a humanidade.

“Escrevi a história em 2012, quando tinha 19 anos. Na época, havia aquele hype de que o mundo acabaria em 2012, segundo o calendário maia. Todos os veículos de mídia falavam sobre o assunto, e eu pensei o que aconteceria se todos sumissem à exceção de um grupo de jovens com perfis completamente diferentes”, conta Papp.

Os Donos do Mundo, segundo o autor, tenta criar uma microssociedade de bilhões de pessoas, com noções de justiça, de verdades absolutas e composições éticas formadas a partir das experiências pessoais de cada um dos jovens adolescentes, e do resultado da convivência entre eles.

“O foco não é necessariamente o que aconteceu antes, mas como essas pessoas vão se reorganizar em uma nova sociedade, a formação de caráter, os valores, a

construção da moralidade. A ideia é que percamos nossos preconceitos e consigamos, acima de tudo, nos colocar no lugar do outro. Uma série de elementos e temas compõem os debatidos, entre os quais a homossexualidade, homofobia, relacionamento abusivo, ciúme parental e capacitismo”, finaliza Papp.

No elenco estão Alanys Santos, Bia Lanutti, Bruno Alcântara, Dom Capelari, Fabiana Caruso, Giovana Stinglin, Giulia Gianolla, Gustavo Spinosa, Lakís Farias e Luccas Papp.

SERVIÇO

Os Donos do Mundo

Até 23 de fevereiro

Teatro Alfredo Mesquita

Av. Santos Dumont, 1770, Santana, São Paulo / SP

Dias/Horários: sextas e sábados, 20h; domingos, 19h

Classificação: 12 anos | Duração: 80 minutos

Ingressos: R\$ 30 (Inteira) – R\$ 15 (Meia)

Vendas pela Sympla ou na bilheteria 1h antes do espetáculo



Foto: Fernanda Vallois

“ZIRALDO O MINEIRO MALUQUINHO”

Com texto original de Fernando Caruso, o Grupo Tápias apresenta o espetáculo infantojuvenil no SESC Tijuca, RJ, e festeja a obra do cartunista com projeções, música, dança e teatro

O SESC Tijuca é a casa do Espaço Tápias até 16 de fevereiro, período em a peça *“Ziraldo, o Mineiro Maluquinho”* celebra a obra de um dos autores e cartunistas mais notáveis do Brasil, levando seus personagens icônicos para o palco de maneira interativa e



Foto: Fernanda Vallois

educativa. A proposta da montagem é encantar e inspirar as crianças a se aventurarem no mundo da literatura, ressaltando que a imaginação não tem limites. Juntos, os atores embarcam em aventuras divertidas e educativas, explorando temas como amizade, criatividade e a importância da leitura.

Além de abordar parte da vida do cartunista, a apresentação trata das mais marcantes obras do desenhista em ordem cronológica, trazendo elementos para encantar as crianças, com música, dança e projeções, e entreter os adultos que também foram os primeiros leitores desse mineiro malquinho.

Com produção e execução do Espaço Tápias, a peça é uma forma divertida de lembrar e celebrar Ziraldo, um dos maiores expoentes criativos do país. O espetáculo, que tem o objetivo de incentivar o hábito de leitura nos pequenos, resulta da parceria entre o Dança em Trânsito, Espaço Tápias, Instituto Ziraldo e Ziraldo Arte e Produções.

Mãe e filha caminham juntas nesta montagem inédita: Giselle e Flávia Tápias fazem dobradinha e assinam a direção geral e artística, e ainda a coreografia. Para a filha é gratificante trabalhar com a mãe e o amigo Fernando Caruso.

“Tem sido uma honra desenvolver ao lado da Gisele Tápias, minha mestra, e com texto do parceiro Fernando Caruso, esse novo trabalho inspirado na obra de Ziraldo, um ícone brasileiro. É emocionante poder con-

tar um pouco da vida dele e trazer seus personagens para o palco, mantendo viva sua influência por meio da arte. É um grande desafio, mas também uma jornada de descobertas”, revela Flávia Tápias.

Para Caruso, não é diferente. Filho do cartunista Chico Caruso, este é seu primeiro espetáculo para crianças e o tema não poderia lhe ser mais familiar: a vida e a obra Ziraldo, grande amigo de seus pais. O ator e autor traz luz a essa história misturando texto, imagem e dança, em parceria com a companhia de dança do Grupo Tápias.

“Escrever sobre o Ziraldo é um verdadeiro parque de diversões. Todas as suas obras são únicas e fascinantes, sendo capazes de gerar uma peça inteira sozinha. Escolher entre elas é um privilégio. Espero que todos saiam querendo visitar os seus trabalhos e correr atrás dos que ainda não conhecem. A maioria dos livros do Ziraldo incentiva a leitura. Nosso espetáculo incentiva Ziraldo”, relata o autor.

SERVIÇO

Ziraldo, o Mineiro Malquinho, Teatro infantojuvenil

1 e 2, 7, 8 e 9, 15 e 16 de fevereiro

Horário: 16h

Teatro I do Sesc Tijuca

R. Barão de Mesquita, 539, Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Livre – a partir de 5 anos de idade

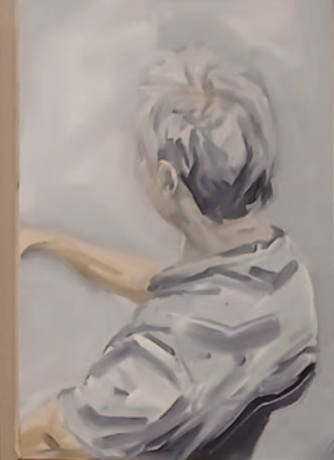
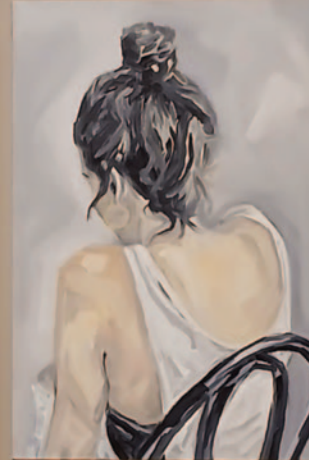
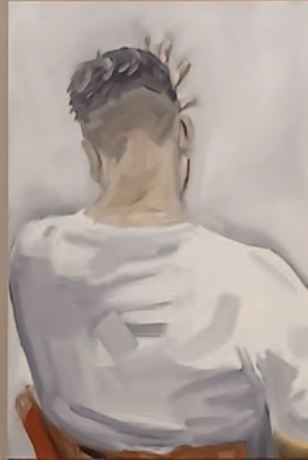
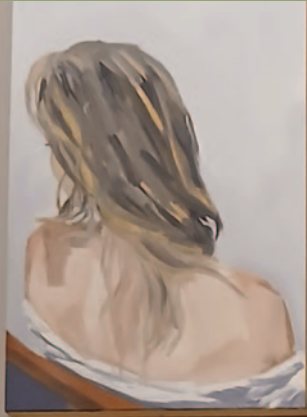
Quanto: R\$ 30 (inteira), R\$15 (meia-entrada)

e R\$7,50 (comerciários) – na bilheteria do teatro

Capacidade: 204 lugares | Duração: 50 minutos

Horizonte CERRADO

Viver no CENTRO do mapa



Exposição no Centro Cultural Justiça Federal apresenta um panorama da poética do Cerrado, a partir da coleção de Sérgio Carvalho, ao mesmo tempo em que estabelece conversas-embates entre obras que configurem este universo que o centro excêntrico (em relação ao mapa cultural brasileiro) produz como discurso visual e estético. Com curadoria de Marília Panitz, a mostra reúne cerca de 140 obras de mais de 40 artistas



O Bioma Cerrado é o segundo maior da América do Sul. As modernas capitais dos estados abarcados pelo bioma vão tendo que se haver com a potência da ancestralidade em seus entornos. Cada vez mais, os habitantes desses centros, e em especial aqueles cuja matéria prima do trabalho é a poética, lançam mão da natureza e da cultura ao redor, um redescobrimento que deixa sua marca na produção artística e na ação política de declarar suas especificidades em relação a outras regiões. E suas semelhanças.

A proposta desta mostra é estudar, dentro da Coleção Sérgio Carvalho, os indícios de tal hipótese. Sérgio é um colecionador de arte contemporânea brasileira, com um acervo que contempla todas as regiões do Brasil. Mas, talvez por viver em Brasília, tenha um documento dos mais interessantes da produção artística – do final do século passado e das duas primeiras décadas deste em que vivemos –, no centro do país.

Com obras que abrangem as últimas décadas do século XX e as duas primeiras deste século, *Horizonte Cerrado* reflete a potência artística de uma região que, embora geografi-

Ludmilla Alves, *Sem título*, 2016

Foto: Divulgação

Na página anterior: Pedro Ivo Verçosa, *Há quanto tempo!?*, 2020

Foto: Vera Donato



Pedro Gandra,
*Não muito só
para sempre*
Foto: Divulgação

camente central, é culturalmente excêntrica. Ao reunir produções dos estados do Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal) e regiões limítrofes de Minas Gerais e Bahia, é possível traçar um mapeamento cultural que transcende fronteiras geopolíticas. O Cerrado, enquanto espaço físico e simbólico, influencia não apenas os que nasceram ali, mas também aqueles que, por escolha ou destino, passaram a habitá-lo, reinterpretando sua força e beleza em diversas linguagens artísticas.

Horizonte Cerrado: Viver no centro do mapa é uma realização do Instituto de Promoção à Arte e Cultura – IPAC, com produção assinada pela 4 Art e patrocínio da Eletrobras.

A EXPOSIÇÃO

A mostra apresenta-se distribuída em cinco salas.

Sala 1

Na linha contínua da paisagem, o que permanece...

A ideia de paisagem é percorrida por suas diferentes abordagens. Pode ser uma operação de recorte do elemento que a define, a pedra, em uma experiência de não assentamento, ou de pouso na superfície geométrica de cor – quase um inventário –, ou o relato do cotidiano, ação banal tornada poética. Pode figurar a visão do passageiro que percorre a distância da mata ao cerrado e à cidade futurista, em imagens em movimento que são quase abstrações ou a composição de horizontes oníricos, cujas personagens se perdem na



Luciana Paiva, *Finito*, 2018

Foto: Vera Donato

imensidão ao redor. Ou pode mergulhar nos elementos que a compõem, experiência física de diluição no lugar ou decodificá-la através da tela, quase inexistente, como alusão à distopia.

Artistas: Dirceu Maués, Fernanda Azou, Gisele Camargo, Irmãos Guimarães e Ismael Monticelli, Marcos Siqueira, Pedro Gandra.

Sala 2 – Entre traçados, anotações e costuras

O traço aqui se impõe como desenho, não importando em que linguagem as obras são concebidas. O traço anota o pensamento, anota o lugar, deriva nas possibilidades da figuração, ganha o espaço tridimensional para se inscrever. E na criação dos trabalhos apresenta certas questões, ou narrativas. É na justaposição, nos recobrimentos e nas emendas que o sentido se apresenta para o olhador. Como se a linguagem fosse tomando para si todos os vestígios dos olhares, dos

objetos, dos movimentos... Reaproveitamentos do mundo. O que já foi continua presente nas transformações das coisas?

Artistas: Athos Bulcão, Elder Rocha, Evandro Prado, Helô Sanvoy, Luiz Mauro, Miguel Ferreira, Raquel Nava, Rava, Virgílio Neto.

Sala 3 – Chão de terra, céu azul, chão de concreto

Camadas de tempo vão se sobrepondo. O novo inventa uma história fictícia para estabelecer sua hipótese, aposta em um futuro como abandono do passado. Mas a raiz se impõe. Entre as construções, cresce a vegetação que retoma sutilmente o seu espaço. O cerrado dormita a cada ano, parece morrer, mas retorna à primeira chuva. A cultura se modifica e segue aprendendo com a inovação para seguir viva. Sob o imenso céu azul do centro do Brasil – sempre o mesmo – a história se faz inscrita na paisagem. O concreto se desenha sobre o

chão mais antigo do país. E passamos a fazer a arqueologia das coisas, com os olhos entre duas direções.

Artistas: Adriana Vignoli, Alice Lara, David Almeida, Florival Oliveira, Isadora Almeida, João Angelini, Karina Dias, Luciana Paiva, Ludmilla Alves, Marcelo Solá, Matias Mesquita, Pedro David, Pedro Ivo Verçosa, Wagner Barja.

Sala 4 – Das reminiscências do agora

Há algo que atravessa as terras antigas. Uma disposição de ver o invisível. Às vezes por fé, outras por atualização da memória através de suas imagens e objetos... às vezes por medo. Há ainda aquilo que se forja pela metaforização da vida comum, um certo mergulho no fantástico, E há a conjugação das palavras com as figuras. No encontro entre ancestralidade e projeção do futuro, o imaginário se manifesta. Toda imagem transcende sua função rotineira, tudo se desloca no universo das coisas.

Artistas: Andrea Campos de Sá e Walter Menon, Antônio Obá, Coletivo Três Pe, Derik Sorato, Léo Tavares, Valéria Pena Costa.

Sala 5 – O comum extraordinário: subversões

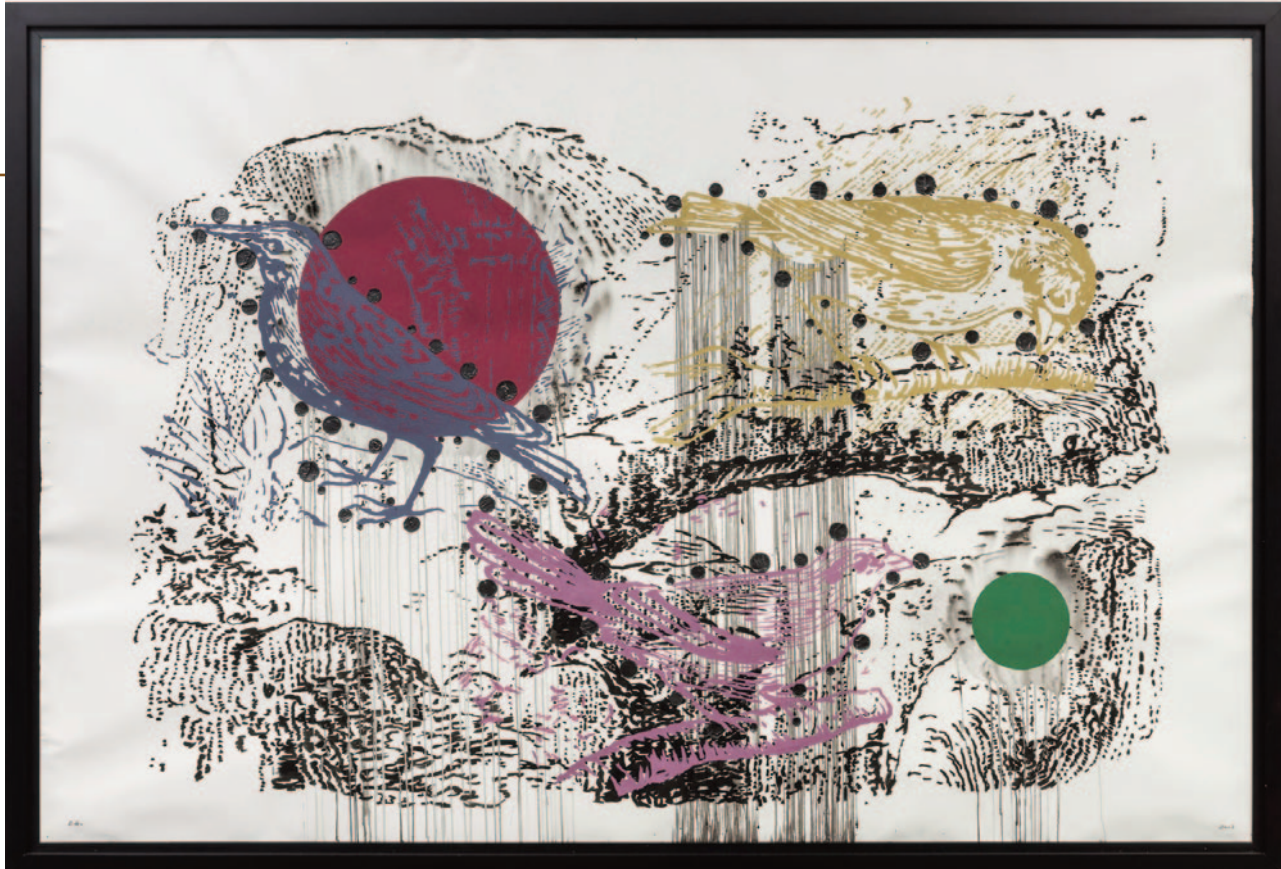
E a vida comum pode ser extraordinária, a depender do viés do olhar que a captura (?), a forma de descrevê-la pode torná-la experiência única, muitas vezes improvável, outras insuportável. Afinal, a naturalização do que ocorre com a sociedade provoca a banalidade. É preciso visão poética e visão política. É preciso subverter a ordem que não pareça ter sentido. E muitas vezes é necessário inventar a realidade para poder produzir a mudança. As imagens aqui presentes são figurativas, algumas realistas. Os eventos são reconhecíveis, mas... a partir daí tudo é deslocamento, tudo é estranhamento. Como deve ser.

Artistas: Bento Ben Leite, Camila Soato, Fabio Baroli, Pamella Anderson.

David Almeida, da esquerda para a direita: *Casarão do Socorro, Arraiada e Canions*, 2019

Foto: Vera Donato





Elder Rocha, *Paisagens Instáveis*

Foto: Ding Musa

Fábio Baroli, *Batata quando seca a rama é que fica enxuta*

Foto: Ding Musa





Sérgio Carvalho

Foto: Vera Donato

O COLECIONADOR

Residente em Brasília, Sérgio Carvalho, advogado, 64 anos, começou sua coleção de arte contemporânea em 2003, quando conheceu Nazareno, José Rufino, Eduardo Frota e Valéria Pena-Costa, que o apresentaram a outros artistas. Encantado com o universo poético de cada um deles, Carvalho resolveu vender as gravuras de Oswaldo Goeldi que possuía para comprar fotografias de Lucia Koch.

Hoje – 22 anos após iniciar sua coleção – Sérgio Carvalho reúne obras de alguns dos mais importantes artistas contemporâneos brasileiros, entre os quais Regina Silveira, Nelson Leirner, Iran do Espírito Santo, Efrain Almeida, Sandra Cinto, Emmanuel Nassar, Hildebrando de Castro, Rubens Mano, Berna Reale, Ana Elisa Egreja, Jonathas de Andrade, Flavio Cerqueira, Sofia Borges, Camila Soato e Rodrigo Braga, Zé Crente, Cícero e Mestre Paquinha.

SERVIÇO

Horizonte CERRADO – Viver no CENTRO do Mapa

Até 23 de março

Centro Cultural Justiça Federal

Av. Rio Branco, 241, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Uber/táxi: Rua México, 57, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo, das 11h às 19h

Grátis

Andrea Campos de Sá e Walter Menon,
Sem título, 2016

Foto: Vera Donato





Vistas da exposição

Fotos: Vera Donato



QUATRO NOVAS EXPOSIÇÕES NO CENTRO CULTURAL CORREIOS, RJ

“OPTCHÁ – A ESTRADA É O DESTINO”

Katia Politzer apresenta trabalhos inéditos tendo a cultura cigana como referência na formação da gente brasileira



Estrela

Foto: Divulgação

Ancestralidade, identidade, migração, diáspora, sincretismo e respeito à diferença: eis o arco de humanidade aqui envolvido. A busca por liberdade, a conexão com a natureza, uma intuição aguçada e a celebração da vida são as características da alma cigana que mais interessam à artista.

A saudação “*Optchá*” (que significa “Viva!”, “Salve!”) convida à experiência de esculturas variáveis do pequeno ao grande formato, que agem tanto nas paredes quanto nos espaços da galeria institucional – com domínio têxtil e acréscimo de objetos do cotidiano desse grupo social. Dentre os trabalhos inéditos destacam-se “*Catarina vem das Canárias*” (2023), a série “*7 Estandartes*” (2024), “*Vurdon*” (2023) e “*Magia Cigana*” (2024) – em que a artista manipula fotografias documentais e procedimentos escultóricos manuais, cujos efeitos vão da pintura conceitual ao desenho contemporâneo.

Outro ponto alto da mostra, o autorretrato “*Quase rosto*”, feito durante a reclusão da pandemia, em 2020, reproduz



Catarina

Foto: Divulgação

textos da filosofia cigana bordados em tecido e costurados. O rosto, em pintura acrílica, é parcialmente encoberto por um véu de tule. O título se refere ao texto *Invenção da Histeria* de Georges Didi-Huberman.

Em termos formais, Katia trabalha com estandartes, trouxas, símbolos, tenda, manto, entre outros elementos, fazendo uso do têxtil – fitas e tecidos de algodão, chita e cetim. A chita, originária da Índia assim como os ciganos, insere florais e coloridos fortes, presentes também na maioria das festas tradicionais brasileiras, bem como cetim e dourados, típicos desta cultura. Esses e outros materiais, como cerâmica, vidro e ferro, são apresentados em forma de escultura, pintura, fotografia, patchwork, costura e bordados manuais.

Uma curiosidade: a população cigana no Brasil é estimada entre 800 mil e 1 milhão de pessoas, das quais quase 80% não são mais nômades.

SOBRE A ARTISTA

Nascida no Rio de Janeiro, Katia Politzer desenvolve seu

trabalho artístico em projetos. Dependendo da base conceitual, podem ser desenhos, pinturas, esculturas ou instalações. Explorando conceitos e referências históricas, utiliza materiais que variam da cerâmica e vidro ao tecido, do cimento e silicone a matérias orgânicas como o pão e o mofo. A partir de objetos do cotidiano investiga questões da memória, ancestralidade, com camadas de autobiografia, e da diversidade, com relações que vão do afeto à exclusão. A descriminalização de repertórios marginalizados ou negligenciados culturalmente é grande parte de pesquisas da artista.

“A minha ancestralidade é composta por migrações, diásporas e contribuições à identidade brasileira de dois povos que sofreram muitas perseguições: de um lado os judeus; de outro, os ciganos. Ambos sofreram na Inquisição e quase foram dizimados no Holocausto”, diz Katia Politzer, que vive e trabalha no Rio.



Cruz de Camargue

Foto: Divulgação

“IGBÁ ODÙ: OS BRAÇOS FORTES DA MEMÓRIA”

Individual da artista Reitchel Komch propõe questionamentos sobre a diáspora africana no Brasil



Na mostra, Reitchel Komch instiga o espectador com suas narrativas da diáspora africana no Brasil, bem como utopias de superação de um processo social historicamente nocivo à matriz negra. Com obras de pequenos e grandes formatos, a artista manipula a equação “representação na arte para gerar representatividade civil”.

Deuses, mitos e lendas em torno do tempo (Iroko), rondando os lugares laconicamente reticentes sobre sua própria ancestralidade, conduzem Reitchel Komch na busca de auto-conhecimento, representatividade e redefinição de seu lugar social, rompendo paradigmas e reestruturando sua psique. O Tempo (Orixá) é libertário, agente do destino que entrega relatos da diáspora negra, possibilitando resgates emocionais através da volta às origens.

Segundo a artista, “trata-se de uma visão da arte onde pinturas, esculturas, totens e portais simbolizam uma progressão espiritual do mundo físico. Utilizando cabaças, fios têxteis (juta, algodão, linho) e hastes de ferro, eu me questiono: onde estão as nossas vozes?”

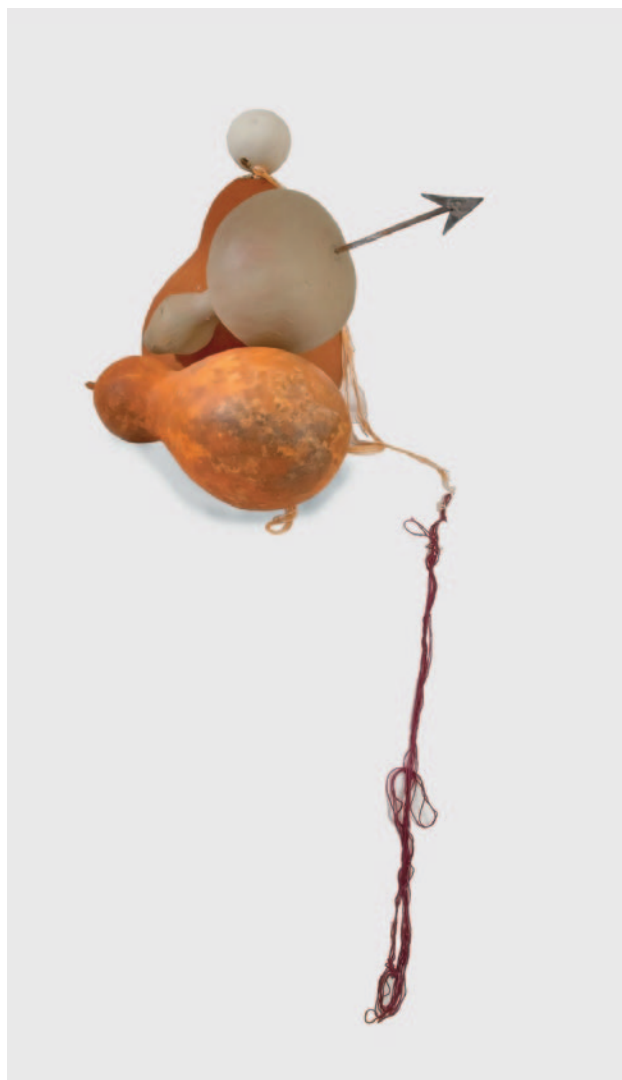
SOBRE A ARTISTA

Carioca, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Com tendência neoexpressionista, atua em suportes diversos. Entre suas mostras individuais, *“Giras da vida: entre o Vurdon e o Irokô”* (Galeria MBlois, Rio, 2023) e *“Dos Gestos e do Tempo”* (Espaço Cultural Correios, Niterói, 2019).

Entre outras exposições coletivas, *“Mata-mata”* (EAV-Parque Lage, Rio, 2024); 14ª edição dos *“Artistas Sem Galeria”* (Zipper Galeria, São Paulo, 2023); *“Assoma”* (EAV-Parque Lage, Rio, 2023) e *“Territórios Insustentáveis”* (Galeria do Consulado da Argentina, 2022).



Fotos: Divulgação



“A OBRA É O JOGO”

Mostra de Dorys Daher une o universo da sinuca à arquitetura e as artes visuais



Debaixo do pano verde

Foto: Divulgação

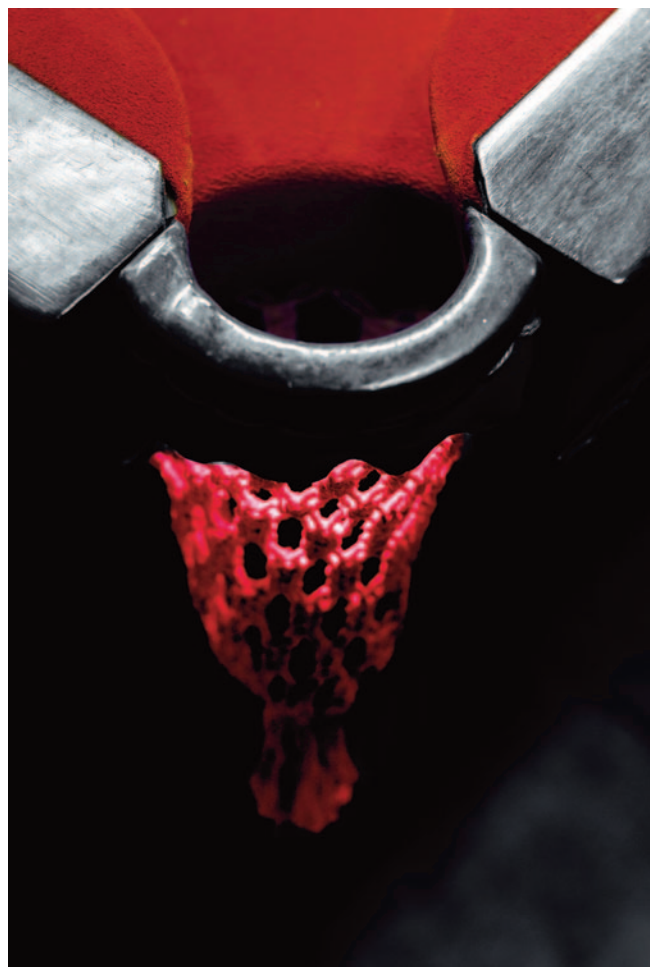
Através de suas obras, Daher explora as relações entre o espaço e o jogo, transitando por múltiplas linguagens contemporâneas: fotografias impressas sobre tecido e vinil, um painel módulos de aço inox (medindo 60 por 100 cm, cada), escultura em mármore com bolas de sinuca, tacos de madeira e até uma toalha de linho bordada.

Dorys Daher, que também é arquiteta, investiga a interação entre artes visuais, arquitetura e vivências cotidianas, promovendo reflexões sobre o espaço e o corpo. Suas obras dialogam com memórias afetivas e experiências contemporâneas, rompendo fronteiras entre o familiar e o experimental.

“A disposição dos meus trabalhos no espaço combina referências do design arquitetônico com movimentos coreografados em torno de uma mesa de sinuca, criando um diálogo entre o jogo, o ateliê e o escritório de arquitetura”, explica a artista.

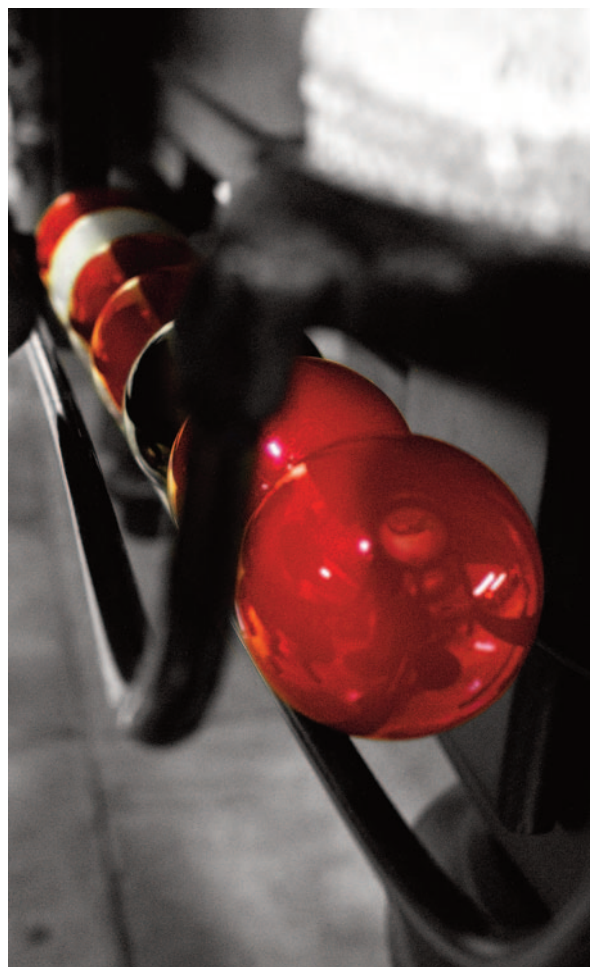
“Em ‘A Obra é o Jogo’ Dorys tece uma narrativa afetiva em suas criações, resgatando memórias de sua infância em Ipameri, Goiás, e da herança cultural de sua família

sírio-libanesa. A mesa de jantar, tradicional centro de reunião familiar, se transforma em um ponto de convergência entre o bordado das toalhas, as experiências artísticas e as lembranças de sua trajetória pessoal. Nesse cenário, ela rompe preconceitos e celebra a relação entre a geometria, a dança e a ocupação do espaço, elementos que moldaram sua visão de mundo”, explica a curadora, Aline Reis.



Gargantilha

Foto: Divulgação



Ângulo 2

Foto: Divulgação

"NASCE UMA NOITE, ACENDE UM CLARÃO"

Individual de Ilka Lemos homenageia e celebra o ciclo de vida das mulheres





Foto: Filipe Berndt / Divulgação

Ilka Lemos inaugura a itinerância de sua exposição *"Nasce uma noite, acende um clarão"*. A mostra, que teve sua estreia em 2024, no espaço Fonte, em São Paulo, conta com curadoria de Nino Cais e texto crítico de Paula Borghi. Apresenta uma série de trabalhos desenvolvidos de 2007 até 2024, enfatizando sua produção mais recente.

A artista transita por diversas técnicas como pintura, desenho, escultura, fotografia e instalação, e aborda questões como o envelhecimento.

Nas palavras do curador, *"Ilka Lemos traz em sua arte a figura da mulher que carrega o tempo passado e o tempo presente. Metaforicamente ela é sua filha, mãe e avó, pois seu trabalho é um fazer contínuo para se erguer uma tocha que acende e revela"*.

Amparada pela figura bíblica de Lilith, a primeira mulher na história ocidental que habitou a Terra e soube dizer não, a mostra homenageia e celebra o ciclo de vida das mulheres. A artista encara o tempo com a consciência de que tudo lhe é imanente, por meio de um olhar matriarcal que se debruça sobre sua árvore genealógica.

SOBRE A ARTISTA

Ilka Lemos (Araçatuba, 1957) vive e trabalha em São

Paulo. A raiz de suas investigações encontra-se na mitologia da figura da Lilith como a primeira mulher na história ocidental que não se sujeitou. Sua produção não se restringe a uma única linguagem; ao desenvolver trabalhos têxteis, desenhos, instalações, esculturas, cerâmicas, pinturas e intervenções em fotografias, ela pesquisa as potencialidades do corpo feminino. Teve sua individual *"Panorama"*, com curadoria de Juliana Monachesi, na Rua13, (SP, 2021) e participou de exposições coletivas como *"54a Arte Koguei Bunkyo"*, Espaço Cultural Bunkyo, (SP, 2024); *"Handmade: enredos femininos"*, Centro Cultural Correios, (RJ, 2024); *"Cama de Gato"*, Edifício Vera, (SP, 2024) e *"Radar"*, Radar Arte, (SP, 2024).

SERVIÇO

"Optchá – Não é o destino, mas a estrada que importa", de Katia Politzer

"Igbá Odù: Os braços fortes da Memória", de Reitchel Komch
"A Obra é o Jogo", de Dorys Daher

"Nasce uma noite, acende um clarão", de Ilka Lemos

Até 8 de março

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

Contatos Katia Politzer: (21) 99833-3031/ www.katiapolitzer.com/ @polizerkatia/kpolitzer@gmail.com/ [Youtube.com/katiapolitzer6998](https://www.youtube.com/katiapolitzer6998)

Contato Reitchel Komch: [@reitchelkomch](https://www.instagram.com/reitchelkomch)

Contato Dorys Daher: dorys.daher.org

Contato Ilka Lemos: [@ilkalemos_atelie](https://www.instagram.com/ilkalemos_atelie)



Arthur Bispo do Rosario, *Vinte e um veleiros*, sem data

Foto: Rafael Adorjan / Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea

FORMAS DAS ÁGUAS

*A Baía de Guanabara é disparador poético de obras reunidas em mostra
que abre o ano expositivo do MAM Rio.*

*Aline Motta, Artur Barrio, Arthur Bispo do Rosario, Jota Mombaça, Laís Amaral
e Nádia Taquary integram a seleção de artistas.*

*Exposição propõe uma reflexão sobre a história da baía e seu presente e, a partir dela,
convida a pensar nossa relação com o meio ambiente e os futuros possíveis*

Mais de 40 obras em diferentes formatos, de 14 artistas de geografias e gerações distintas, apresentam acontecimentos que tiveram lugar na Baía de Guanabara e definiram as histórias do museu e da cidade, ou oferecem experiências de imersão.

Sem obedecer a uma cronologia

histórica, os trabalhos reunidos abordam questões acerca da baía oceânica localizada no estado do Rio de Janeiro ou propõem reflexões sobre as águas, com base na liberdade e na metodologia de seus fluxos. A história desta baía é também a história de seus apagamentos: das comunidades e lugares que estiveram aqui em outros tempos, de tudo o que ocorreu nela e que hoje não lembramos. De acordo com a curadoria, *Formas das águas* é uma exposição que convoca o espectador a uma vivência reflexiva e imersiva.

Yole Mendonça, diretora-executiva da instituição, ressalta que “o museu convida o público a uma reflexão sobre a importância da água em várias dimensões e procura, através desta exposição, contribuir para a discussão de como estamos lidando com esse elemento in-



Amelia Toledo, *Labirinto de azul*, 1993

Foto: Divulgação

trinsecamente vinculado à nossa história, ao presente, ao futuro e nossa sobrevivência enquanto humanidade”.

Para Raquel Barreto, curadora-chefe da instituição, “em um tempo em que a consciência da emergência climática nos obriga a re-

lação com nosso entorno e seus processos, Formas das águas pensa histórica, poética e especulativamente a partir da Baía de Guanabara e suas águas – lugar em que estamos e que dá contorno ao que somos enquanto museu e cidade”.

A mostra inclui seis obras novas, comissionadas especialmente para a exposição, das artistas Emilia Estrada, Laís Amaral, Nadia Taquary, Renata Tupinambá, Sandra Cinto e Siwaju. Completam a seleção trabalhos de Agrade Camíz, Aline Motta, Amelia Toledo, Arthur Bispo do Rosario, Artur Barrio, Isa do Rosário, Jota Mombaça e Lia Mitterakis.

“Os trabalhos reunidos, sejam novos ou já existentes, ocupam o espaço do museu com uma cenografia inco-

um, livre de paredes, que esperamos consiga provocar experiências sensoriais e, ao mesmo tempo, reflexões sobre o lugar no qual vivemos e sobre como podemos intervir nele”, observa Pablo Lafuente, diretor artístico do MAM Rio.

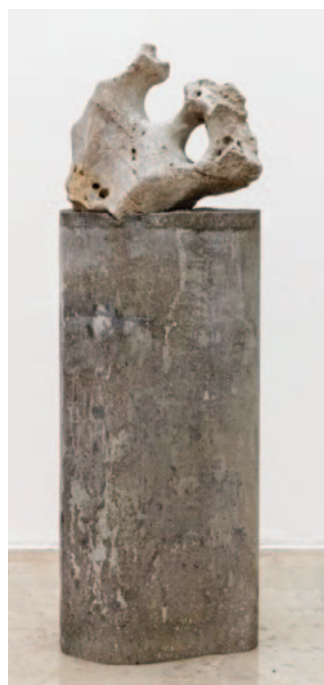
AS OBRAS

O espaço expográfico é atravessado por um deque de madeira, que desenha um percurso pontuado por bancos onde está localizada a instalação sonora da artista fluminense Renata Tupinambá. Continuando seu trabalho com som e memória, Tupinambá criou para a mostra uma obra sonora com fusões de dub que convida o público a se reconectar com a Baía através de suas memórias, revelando uma história complexa. Composta por cinco partes que podem ser ouvidas sem ordem preestabelecida, *Tekobé* fala a partir da água, da terra e do vento, mas também do sonho e da poesia, substâncias que, para a artista, são fundamentos da Baía e de suas experiências.

A exposição inclui artistas canônicos, como é o caso de Arthur Bispo do Rosario (1909-1989), Amelia Toledo (1926-2017) ou Artur Barrio. De caráter marítimo, as obras de Bispo do Rosario compõem parte importante de sua produção, e se referem a um ambiente que ele conheceu com intimidade. Entre as poucas informações conhecidas sobre sua biografia, está o fato de que ingressou na escola de aprendizes de marinheiros em 1925, em Sergipe, aos 15 anos. Quando se mudou para o Rio, alistou-se na Marinha de Guerra e por lá permaneceu durante nove anos. O MAM Rio foi, em 1982, a primeira instituição de arte a mostrar as cri-

ações de Bispo, e sua participação na atual exposição inicia uma série de colaborações entre o MAM Rio e o Museu Bispo do Rosario, ao longo de 2025.

Em aço e verniz, a instalação imersiva *Labirinto de azul* (1993), da paulistana Amelia Toledo, utiliza formas curvas e tons de azul para conduzir movimentos em uma dinâmica de imersão, na qual o corpo do visitante parece fazer parte dos fluxos das águas. Já os *Dragões cantores*, outra obra apresentada, permitem explorar o som das coisas que, frequentemente, ouvimos sem perceber.



Amelia Toledo, *Dragões cantores*, 1993

Fotos: Divulgação

Artur Barrio e a física enquanto arte (2018-2024) é um exercício de experimentação sobre as propriedades da água e os processos de degradação dos quais é objeto.



Agrade Camíz, *Alligator 5*, 2022

Foto: Thiago Barros

Desenvolvida a partir de uma experiência contínua de estar na água e viver no mar, a instalação inclui imagens e objetos que remetem à realidade da Baía de Guanabara e reconstróem parte de seus fluxos que, a princípio, podem parecer abstratos, mas em última análise mostram as possibilidades de regeneração. A obra continua o trabalho de décadas de Barrio com sistemas e processos, e com as violências presentes em suas estruturas.

Com sua série *Aqui é mar*, a artista e artesã fluminense Laís Amaral percorre a memória das águas que ocuparam o local onde o MAM Rio foi construído, após um dos muitos aterros realizados na Baía de Guanabara. A artista investiga os impactos do colapso ambiental e seus desdobramentos, que produzem cenários de desertificação.

Dança com a morte no Atlântico (2014-2023), bordado de Isa do Rosário, simboliza a vida e a morte no fundo do mar, um memorial para todos aqueles que perderam suas vidas durante o tráfico transa-

tlântico entre os séculos XVI e XIX. Durante esse período, o Rio de Janeiro e suas águas foram o maior porto de entrada de pessoas escravizadas no continente americano.

ATMOS ISINMI: em memória de João Cândido (2025), obra da escultora Siwaju, é um monumento ao trabalho de João Cândido Felisberto (1880-1969), popularmente conhecido como Almirante Negro, que liderou em 1910 a Revolta da Chibata e foi expulso da Marinha do Brasil. A obra é apresentada na área externa do museu, em direção à Baía na qual João Cândido virou símbolo da luta pela igualdade.

Uma celebração mítica e religiosa das águas está presente em *Omi Òkun Ayérayé* (2024-2025), trabalho da artista baiana Nádia Taquary, que traz para a exposição a figura de Iemanjá, a deidade feminina ligada ao mar no panteão das religiões de matriz africana, identificada como a grande “mãe das águas”. A obra versa sobre o sagrado, o feminino e o ancestral.

Na série *Alligator* (jacaré em inglês), a artista carioca Agrade Camíz insere a dimensão do conflito social das praias do Rio. Popularmente conhecido como Alligator, o ônibus 474 liga a comunidade do Jacarezinho, na zona norte, ao Jardim de Alah, limite entre os bairros mais afluentes da zona sul: Ipanema e Leblon. Durante o verão, nos fins de semana, quando é utilizado por jovens para chegar à praia, materializa a tensão social, racial e de classe da cidade, evidenciando como o acesso ao lazer também é marcado pela desigualdade. A artista utiliza, como base de algumas das pinturas, janelas de ônibus iguais aos que realizam o percurso.

Sob uma perspectiva mais idílica, a artista autodidata Lia Mitterakis concebeu suas obras como quem olha para o Rio de Janeiro como espectador apaixonado, compondo um cenário que converteu a cidade a uma escala reduzida. As águas da Baía de Guanabara aparecem com frequência em seu trabalho, tornando-se quase uma personagem, em torno da qual se articulam construções e meios de transporte, pessoas e outros seres.

A exposição inclui trabalhos comissionados em grande escala, como os da paulista Sandra Cinto e da argentina Emilia Estrada. *Mar aberto* (2025), a obra de Cinto, responde à escala da arquitetura do Salão Monumental do museu, propondo aos visitantes um corte no espaço expositivo, que abre uma janela à paisagem da baía e uma experiência imersiva de caráter onírico. Já Estrada apresenta com *Louvor à sombra* (2025) um mapeamento da superfície lunar em sua totalidade, pronta para a extração. As montanhas, os mares e o que eles carregam, como potencial objeto de valor, seguindo os padrões aperfeiçoados na Terra até seu atual estado de exaustão.

Completam a mostra duas salas de vídeo com obras das artistas Aline Motta e Jota Mombaça. Em *A água é uma máquina do tempo* (2023), Motta revisita arquivos históricos e memórias familiares, sobretudo femininas, relacionados ao Rio de Janeiro e à Baía de Guanabara, para construir, por meio de um processo especulativo, um trabalho que entrelaça texto e imagem. Em pauta a *Kalunga*, uma linha tênue de água que divide o mundo dos vivos e a terra dos ancestrais, de acordo com a perspectiva das cosmologias centro-africanas, especificamente do Congo-Angola.

Já o vídeo *Waterwill* (2021-2022), de Mombaça, acompanha uma série de ações nas quais tecidos de grande tamanho são submersos nas águas de diversos locais, desenvolvendo uma arqueologia submarina de cada um desses lugares. As imagens destes tecidos aparecem acompanhadas por palavras e sons que nos falam dos movimentos de pessoas atravessando geografias tanto políticas como sentimentais.

SERVIÇO

Formas das águas

Até 1º de junho

MAM Rio

Av. Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3883-5600 | <https://www.mam.rio>

Instagram: [@mam.rio](https://www.instagram.com/mam.rio)

Dias/Horários: quartas, quintas, sextas, sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h;

aos domingos, das 10h às 11h, visitação exclusiva para pessoas com deficiência intelectual.

Ingressos:

Contribuição sugerida, com opção de acesso gratuito

Valores sugeridos: Adultos: R\$ 20 | Crianças, estudantes e +60: R\$ 10

Ingressos: <https://www.mam.rio/ingressos>



Kitty Paranaguá

“Corpo-Natureza” em Niterói, RJ

Mostra no
Espaço Cultural
dos Correios
explora as tensões
intrínsecas
entre corpo e natureza

*Com essa provocação,
a exposição “Corpo-Natureza”
traz obras de 68 artistas brasileiros
com narrativas de temas urgentes:
identidade, territorialidade,
emergências climáticas, questões
de gênero e de raça, indo além
dos múltiplos sentidos de natureza.
A mostra, que promete explorar
diferentes linguagens
e expressões artísticas
na intersecção dos conceitos
corpo-natureza, tem curadoria
de Amanda Leite e Cota Azevedo*



Estefânia Young

Corpo-natureza propõe uma experiência que envolve os visitantes. Entre pinturas, esculturas, fotografias, instalações e outras técnicas, o público vai além dos limites individuais de cada artista entrando em contato com as múltiplas linguagens, num encontro coletivo. O percurso expográfico é pensado propositalmente para que as obras se relacionem, provoquem e contagem, levando o público a experimentar sensações e pensamentos novos, rompendo paradigmas conceituais.

Para a curadora Amanda Leite, *“o percurso na galeria pode ativar uma experiência imersiva crítica junto às obras – imagens que forçam o pensamento a ressignificar e produzir outros sentidos. Nesta linha tênue que mistura formas e sensações, pergunto: o que nos desestabiliza diante do duo corpo-natureza? No jogo com as visualidades da Arte Contemporânea, como pensar*

ou repensar a vida, a natureza, os corpos em gestos de criação?”, destaca.

Cota Azevedo, também curadora, afirma que *“mais do que uma mostra, Corpo-Natureza é um espaço de aprendizado e de sensibilização que busca ampliar as nossas percepções físicas, culturais, políticas e simbólicas sobre o tema. A exposição abre caminhos para um pensar mais livre, mais selvagem, que conjecture o espontâneo, o impensado, o despretensioso”*.

Os artistas foram selecionados por meio de chamada aberta realizada pela Plural. A exposição conta com obras provenientes de diferentes regiões do Brasil, oferecendo uma visão abrangente e contemporânea sobre corpo-natureza. A entrada é gratuita e aberta para todos os públicos.



Urubatan Miranda

Artistas: ACÁ, Adriana Montenegro, Alê Costa, Aline Sampin, Ana Avelar, Ana Moura, Arianfreak, Bia Murad, Caio Truci, Camilla Freitas, Carmo Malacrida, Carolina Kasting, Carolina Raphael, Celina Nolli, Cláudio Azevedo, Coletivo NE_XO, Conceição Durães, Cris Miranda, Daniela Cordeiro, Daphne Pavan, Denise Braune, Dulce Lysyj, Eda Miranda, Emília De Gaia, Estefânia Young, Gilzo Júnior, Gringo Carioca, Heloisa Madragoa, Iara Marques, Ingrid Alencar, Jeanne O. Santos, Jéner Neves, José Arnulfo, Karen Albuquerque. Kitty Paranaguá, La Minna, Laura Martínez, Larissa Albuquerque, Liane Roditi, Lucia Costa, Luciana Napchan, Lucília Dowslley, Luís Teixeira Mendes, Luiza Vieira, Mani Vaz, Maria Camocardi, Maria Cecília Leão, Mariana Parreiras, Mariana Werneck, Marina Schroeder,

Miguel Nader, Míriam Ramalho, Mirta, Lucas Mourão, Pilar Pozes, Priscilla Menezes, Priscilla Ramos, Rafael Coppola, Regina Moura, Rodrigo Quadro, Sandra Gonçalves, Sandra Regina, Silvana Nicolli, Silvio Moréia, Stefani Pimenta, Thays Leonel, Urubatan Miranda e Verônica Soares.

SERVIÇO

Corpo-Natureza

Até 8 de março

Espaço Cultural Correios de Niterói

Rua Visconde do Rio Branco, 481, Niterói / RJ

Informações: (21) 2503-8550 / E-mail: eccniteroi@gmail.com

Dias/Horários: segunda à sexta, das 11h às 18h;

sábados, das 13h às 18h; fechado aos domingos e feriados

Entrada Gratuita | *Classificação:* Livre

Documenta Pantanal leva a Portugal e Alemanha “MUDANÇA CLIMÁTICA: ÁGUA PANTANAL FOGO”



Lalo de Almeida



Luciano Candisani

Exposição-manifesto, com curadoria de Eder Chiodetto e 80 fotos captadas por Lalo de Almeida e Luciano Candisani, exibe imagens dos dois premiados fotodocumentaristas. Mostra retrata não só a exuberância da fauna e flora locais, como também a devastação gerada por queimadas que atingiram o Pantanal em 2020 e 2024 e continuam a ameaçar o bioma

Entre fevereiro e junho, o Documenta Pantanal leva ao público de dois países da Europa, Alemanha e Portugal, impactante seleção de 80 fotografias que compõem a exposição-manifesto *Mudança Climática: Água Pantanal Fogo*. O objetivo é promover um chamado global para as evidências da emergência climática es-

cancaradas a partir da desafiadora realidade vivenciada no Pantanal Mato-Grossense ao longo dos últimos quatro anos.

Originalmente intitulada *Água Pantanal Fogo*, a mostra foi apresentada ao público paulistano em 2024 e im-



Lalo de Almeida

pressionou mais de 15 mil visitantes do Instituto Tomie Ohtake. Com curadoria de Eder Chiodetto, a exposição reúne 40 imagens de Luciano Candisani e 40 de Lalo de Almeida, dois dos mais respeitados fotodocumentaristas do país, estabelecendo contrastes sobre vida e morte nesse ameaçado bioma.

Agora renomeada *Mudança Climática: Água Pantanal Fogo*, a exposição será um dos destaques da programação do Museu Internacional Marítimo de Hamburgo, na Alemanha, entre 6 de fevereiro e 6 de abril. A partir da segunda quinzena de abril segue para Lisboa, em Portugal, onde permanecerá em cartaz até 25 de junho no Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

“Ao levar a exposição para Hamburgo e Lisboa começamos a realizar o desejo de ecoar esse grito de alerta até mais longe. Com forte influência sobre o clima brasileiro e sul-americano, o Pantanal é também paradigma de uma urgência que diz respeito a todos nós

que vivemos nesse planeta. Mais do que defender a necessidade óbvia de conservar nossos patrimônios naturais, nos interessa convocar públicos do mundo inteiro a tomar consciência da gravidade da crise climática em que nos vemos e a pensar no que é preciso fazer para contê-la”, advertem Mônica Guimarães e Teresa Bracher, coordenadoras do Documenta Pantanal.

CONTRASTES E DIÁLOGOS

Registradas ao longo dos incêndios que assolaram o Pantanal em 2020 e também produzidas em 2024, as fotos de Lalo de Almeida são um testemunho da devastação do bioma. Com impactante poder de síntese e denúncia, as imagens circularam globalmente, alertando a sociedade, a comunidade científica, o governo brasileiro e organizações internacionais para a necessidade de esforços coletivos de preservação. Intitulada *Pantanal em Chamas*, a série de dez fotos registradas em 2020 conferiu a Lalo o prestigioso prêmio *World Press Photo* na categoria Meio Ambiente.

“Por mais que nossas imagens fossem antagônicas – ou seja, as fotos do Luciano mostram a exuberância e a beleza do Pantanal, a relação dos bichos com a água, enquanto meu trabalho tem um aspecto trágico que mostra as consequências da degradação causada pelo homem –, a curadoria do Eder fez com que as fotos conversassem muito bem. Nesse sentido, a exposição tem um caráter didático, como um manifesto para chamar a atenção das pessoas não só sobre o que é o Pantanal e suas belezas, mas, também, sobre as ameaças que rondam o bioma”, defende Lalo.

Especializado em fotografar ecossistemas ao redor do mundo e capturar imagens subaquáticas, Candisani traz no conjunto de 40 fotos um retrato da imponência da água na maior planície alagável do planeta, seja por meio de fotos submersas, terrestres ou aéreas. Caracterizadas por uma rara combinação de excelência técnica e expressividade, as imagens registradas por ele foram produzidas em condições complexas durante as

cheias pantaneiras, enfrentando adversidades que o fotodocumentarista vem perseguindo nas últimas três décadas.

“Meu trabalho nasce de uma motivação criativa e uma ligação muito forte com a natureza, especialmente com a água, e adotei a ferramenta da fotografia para registrar esse meu interesse explorando, principalmente, o ambiente aquático submarino. Hoje, tenho mais de 30 anos de uma jornada de busca de interpretações, narrativas visuais e temas que são fundamentais para mim, especialmente a conservação dos grandes espaços naturais remanescentes, como é o caso do Pantanal”, explica Candisani.

Assombrado com as imagens que chegavam sobre os incêndios criminosos que devastaram o Pantanal em 2020, Eder Chiodetto acompanhava o trabalho de fotógrafos entrincheirados no fogo que consumia o bioma quando foi impactado pela urgência das fotos então



Lalo de Almeida



Luciano
Candisani

registradas por Lalo de Almeida. Fato que coincidiu com a chegada às mãos do curador de um novo livro de Luciano Candisani, *Terra D'Água Pantanal* (editora Origem, 2022), que retrata dez anos de expedições fotográficas no bioma. A ideia de contrapor os dois conjuntos de imagens foi o estopim para que Chiodetto idealizasse a exposição.

“Luciano e Lalo são cronistas visuais que frequentemente buscam parcerias com cientistas e pesquisadores. Para obter o resultado exposto nessa mostra eles criaram logísticas complexas e se expuseram a vários tipos de perigo. É em trabalhos como esses, que aliam idealismo, paixão e militância, que a fotografia alcança seu ápice, tornando-se uma janela aberta a revelar as idiossincrasias e o sublime do mundo. A justa medida do encontro dos dois nos revela não só a pulsão de morte e a pulsão de vida, mas, sobretudo, o quanto a gente pode trabalhar como sociedade para repensar o que estamos fazendo com o planeta”, avalia Chiodetto.

SOBRE LALO DE ALMEIDA (São Paulo, 1970)

Estudou fotografia no Instituto Europeo di Design em Milão, Itália. Há 30 anos colabora para o jornal Folha de S.Paulo, onde vem desenvolvendo narrativas multimídias premiadas, como *Um Mundo de Muros*, *Desigualdade Global*, *A Batalha de Belo Monte* e *Crise do Clima*. Em 2021, sua série de fotografias *Pantanal em Chamas* foi premiada em primeiro lugar na categoria Meio Ambiente no *World Press Photo*. Também em 2021 foi escolhido como *Fotógrafo Ibero-Americano do Ano* pelo POY (Pictures of the Year) Latam. Paralelamente ao fotojornalismo, desenvolveu trabalhos de documentação fotográfica como o projeto *Distopia Amazônica*, que recebeu o *Eugene Smith Grant in Humanistic Photography* e foi o vencedor global na categoria Projetos de Longo Prazo no *World Press Photo* em 2022.

SOBRE LUCIANO CANDISANI (São Paulo, 1970)

Fotógrafo e autor brasileiro dedicado a temas etnográficos e ambientais. Formado em Oceanografia Biológica

pela USP, começou sua carreira fotografando o ambiente submarino no Oceano Austral, em 1995. Sua obra trata sobre populações tradicionais, natureza e conservação de ecossistemas e espécies ao redor do mundo. Trabalhou em 40 países, incluindo as regiões geladas do Ártico e Antártica. Suas fotografias aparecem em livros autorais, revistas e exposições em museus e galerias, no Brasil e exterior. Autor de sete livros fotográficos, faz parte do coletivo *The Photo Society*, grupo exclusivo de fotógrafos com matérias completas publicadas na edição principal da revista *National Geographic*. Também integra a *International League of Conservation Photographers* (ILCP, da sigla em inglês), que tem como missão promover a proteção de ambientes e populações ameaçadas por meio da fotografia e do cinema.

SOBRE EDER CHIODETTO (São Paulo, 1965)

É curador de fotografia independente, publisher da editora de fotoslivros *Fotô Editorial* e diretor do *Centro de Estudos Ateliê Fotô*. Foi curador de fotografia do MAM-SP entre 2005 e 2021 e mentor do programa Arte na Fotografia, no canal Arte1. Como curador já realizou mais de 180 exposições no Brasil, Europa, Estados Unidos e Japão. É autor dos livros *O Lugar do Escritor* (Cosac Naify, 2002, vencedor do Prêmio Jabuti 2004), *Geração 00: A Nova Fotografia Brasileira* (Edições Sesc, 2011), *Curadoria em Fotografia: da pesquisa à exposição* (Ateliê Fotô / Funarte, 2013), *Ser Diretor* (Ateliê Fotô, 2018), entre outros. Recentemente realizou as curadorias das mostras *Outros Navios: Fotografias de Eus-táquio Neves* (Sesc Ipiranga e Sesc Rio Preto, respectivamente em 2022 e 2023); *Água Pantanal Fogo* (Ins-



Luciano
Candisani

tituto Tomie Ohtake, 2024) e *Claudia Andujar: Cosmóvisão* (Itaú Cultural, 2024).

SOBRE O DOCUMENTA PANTANAL

O *Documenta Pantanal* é uma iniciativa que conecta profissionais de áreas diversas comprometidos com a urgência de tornar as fragilidades e as riquezas do Pantanal Mato-Grossense mais conhecidas do público. Trabalhando por um Pantanal vivo, produtivo e exuberante, a instituição cria, provoca e apoia ações e conexões para mapear a cultura da região, apontar soluções de preservação e gerar recursos de proteção para o desenvolvimento de campanhas que mobilizam e expandem parcerias para responder a situações emergenciais e crônicas do Pantanal, de incêndios crim-

inosos à perda hídrica. Além de veicular reportagens, artigos e web séries, a iniciativa apoia e produz a realização de documentários que retratam o Pantanal de forma original e aprofundada, ampliando a oferta de obras com potencial de circulação e sensibilização.

SERVIÇO

Mudança climática: Água Pantanal Fogo

Museu Internacional Marítimo em Hamburgo, Alemanha

De 6 de fevereiro a 6 de abril

imm-hamburg.de/international/en/

Museu Nacional de História Natural e da Ciência em Lisboa, Portugal

De 19 de abril a 29 de junho

museus.ulisboa.pt/



Lalo de Almeida



Luciano Candisani



Hotel Solidão (Grupo I), 2019-2021

Foto: Flávio Freire

“Marcelo Silveira – Entre o mar, o rio e a pedra”, na Nara Roesler Rio de Janeiro

Primeira individual do artista pernambucano no Rio de Janeiro exhibe esculturas em madeira cajacatinga pertencentes às séries “Bolofotes” (2023 e 2024), “Sementes” (2024) e “Peles” (2022-2024). Obras das séries “Cabeludas” (2006), feitas com crina equina e aço inoxidável, e “Hotel Solidão” (2019-2021), com colagens criadas a partir de capas e contracapas de edições brasileiras da revista “Grande Hotel”, entre 1947 a 1955, completam a mostra

As 17 obras que compõem a individual de Marcelo Silveira foram selecionadas por ele em conjunto com o núcleo curatorial da Nara Roesler, de modo a enfatizar seu processo de trabalho e pesquisa, em que estão presentes o fazer elaborado e a ideia de coleção – madeiras, revistas, fios de crina de cavalo, principalmente.

A mostra apresenta dois trabalhos inéditos da série “Bolofotes” (2023 e 2024) – palavra que se pronuncia com o “o” fechado, usada no nordeste para apontar algo disforme, “quase como se colocasse três ovos em uma meia, e que vai se configurando a cada movimentação”, diz o artista. “É uma prática de organização do espaço, de sair construindo. Faço muito desgaste na madeira, e nessa série, pela primeira vez, vou acrescentando e desgastando. É um desdobramento da prática de coleção, em que você vai juntando coisas, organizando, compactando”.



Bolofote II, 2023-2024

Foto: Robson Lemos

Nas três obras da série “Sementes” (2024), o artista cria pequenos volumes de madeira cajacatinga que se assemelham a sementes e que, por sua vez, são agrupados em um volume único. “É fruto de experimentos que fiz com pedaços de sobras de madeira. A primeira semente foi resultado da junção de coisas que estavam esquecidas. Na segunda acrescentei mais alguma coisa, e a terceira foi toda nova. Dá um trabalho infernal fazer”, comenta o artista ao afirmar que “a semente é a origem, é quem responde pela multiplicação da espécie. É o brotar”.



Semente IV, 2024

Foto: Robson Lemos

A madeira cajacatinga (*Lamanoniaspeciosa*), que Marcelo Silveira usa em suas esculturas, foi muito usada na construção de engenhos de açúcar no sul de Pernambuco, por ser resistente à água. As plantações de cana e o engenho deram depois lugar a pastos, restando da árvore apenas seus tocos, parcialmente carbonizados, provavelmente devido à prática do fogo nos



Cabeludas, 2006

Foto: Cortesia do artista e Nara Roesl

antigos canaviais. Foi dessa forma que o artista tomou contato com a madeira. Ele pegou um desses tocos, desbastou, e viu que a madeira *“estava totalmente boa”*. *“Elas sobraram na região, porque ninguém levava pra queimar em casa. Elas estavam me esperando... É um trabalho de prospecção e de arqueologia, porque onde tem um toco tem raízes, que às vezes são imensas e em alguns casos foram absorvidas pelo solo e viraram material orgânico”*.

CABELUDAS

Outro destaque da exposição é o conjunto de nove obras da série *“Cabeludas”* (2006), em couro bovino,

crina equina e aço inoxidável, com 2,25 metros de altura por 47 cm de largura. *“A discussão dos meus trabalhos sempre tem a ver com os planos bidimensional e tridimensional, com as questões relativas à pintura e à escultura no espaço, e esta série fala muito de pintura”*, diz Marcelo Silveira. Outra característica das *“Cabeludas”* que acentuam seu caráter pictórico é a relação com os pinceis feitos de crina de cavalo, e os tons em degradê dos fios.

Michael Asbury, autor do livro *“Marcelo Silveira: Ata”* (2022, Nara Roesler Books), relata sobre as *“Cabeludas”* que na primeira versão de seu texto, *“escrita na língua*



Peles I, 2022-2024

Foto: Danilo Galvão

inglesa, fez-me notar que a pronúncia de hairytails [caudas cabeludas] tem exatamente o mesmo som que hairy tales, cuja tradução em português seria ‘estórias cabeludas’, ou seja, uma gíria para descrever algo entre um relato exagerado e uma mentira descarada”. A justaposição aqui é interessante como meio de entrar, de forma hiperbólica, no mundo de Marcelo Silveira, no qual o fato é muitas vezes justaposto à ficção, a

memória à invenção, a descrição à insinuação”. Ele continua: “Este relato exagerado sobre o título de uma obra de arte implica, portanto, um certo nível de ficção que é inteiramente obra do autor. Ao identificar uma associação que não se pretendia, surge, no entanto, uma analogia que é tão factual quanto inventada”.

Em obras como as da série “*Peles*” (2022-2024), Marcelo Silveira aborda os limites da plasticidade da caixa-catinga, esculpindo-o, desgastando-o e criando linhas de resistência em sua superfície. Em seguida, organiza essas esculturas em diferentes configurações, construindo formas que brotam das paredes ou do chão.

A exposição apresenta ainda três conjuntos de colagens da série “*Hotel Solidão*”, que tiveram início com uma coleção de edições da revista de variedades, folhetins e fotonovelas “*Grande Hotel*” (Editora Vecchi). Nesses trabalhos, o artista usa as capas das publicações, feitas por ilustradores italianos, cuidadosamente selecionadas, higienizadas, cortadas e coladas sobre papel cartão, em diversas composições que chamam a atenção por suas cores peculiares e por destacar as diversas camadas de papel ali organizadas.

SOBRE MARCELO SILVEIRA

A prática de Marcelo Silveira (1962, Gravatá, Pernambuco; vive e trabalha em Recife) parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser

objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, régua de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental em sua prática, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que despertam memórias afetivas.

Marcelo Silveira tem participado de importantes exposições coletivas, como a 29ª Bienal Internacional de São Paulo, em 2010, duas edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2015 e 2005), a 4ª Bienal de Valência, no Centro del Carmen, no Museo de Bellas Artes de Valencia, Espanha, em 2007, entre outras. As obras de Marcelo Silveira integram relevantes coleções, entre as quais Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand (MASP); Casa da Cultura da América Latina da Universidade de Brasília (CAL-UNB); Coleção Gilberto Chateaubriand / MAM Rio; Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife; Fundação Roberto Marinho, Rio de Janeiro, e Museu de Arte Moderna da Bahia (MAC-BA).

SERVIÇO

“Marcelo Silveira – Entre o mar, o rio e a pedra”

Abertura: 11 de fevereiro, das 18h às 21h, com visita guiada com o artista e Daniela Name, autora do texto crítico, às 19h.

Até 5 de abril

Entrada gratuita

Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3591-0052 | info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h; sábado, das 11h às 15h

<https://nararoesler.art/>



Semente III, 2024

Foto: Robson Lemos



Em parceria inédita,
MOS e Galeria Athena
apresentam
"INTERMÉDIO",
mostra individual
de GUSTAVO PRADO

A mostra acontece no espaço expositivo do edifício Melo Alves 645, que se propõe a ser um centro de convergência cultural, oferecendo ao público exposições de arte originais. Com a individual de Prado, a Athena reúne um conjunto de obras inéditas, marcando não apenas a primeira exposição individual do artista em São Paulo e sua representação pela galeria, mas também seu retorno ao Brasil após catorze anos de residência em Nova Iorque.

"Intermédio" apresenta obras escultóricas que dialogam não apenas com as estratégias de construção, circulação e vigilância características de São Paulo e de grandes centros urbanos, mas também com o legado da pintura e da escultura da arte construtivista – que teve nesta metrópole a sua capital brasi-

leira. A exposição também conta com uma intervenção na fachada da galeria onde o artista busca romper a separação entre o espaço interno e a rua.

Contrastando um interesse pelo vocabulário abstrato com elementos de uma realidade local, Prado justapõe dois exercícios presentes tanto em São Paulo quanto em sua obra: os esforços de imaginar espaços e formas ideais e a sua sobreposição às contradições dos espaços reais.

SOBRE O ARTISTA

Gustavo Prado (São Paulo-1981) vive e trabalha em Nova York, EUA. Estudou Filosofia e Design Industrial e recebeu seu treinamento artístico na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Com escultura, performance, fotografia e vídeo, ele examina alterações na perspectiva a fim de produzir trabalhos que investiguem diferentes concepções da realidade. O artista se concentra em elementos como a luz, o local e o contexto para criar um corpo de trabalhos que dissecam a necessidade de negociar constantemente com o espaço habitado à compreensão da identidade pessoal. Se utiliza de materiais prontos que altera ligeiramente, permitindo que os espectadores reconheçam-nos em sua origem, ao mesmo tempo em que compreende os desvios do uso primitivo.

Seus trabalhos foram apresentados em exposições coletivas, como a *"Bienal do BRIC"*, o *"Bronx Museum Biennial"* e *"Spring Break Art Show"*, todos em NY; e o



Turned Black, 2024

Foto: Erika Mayumi

Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, e Itaú Cultural, São Paulo; em shows solo na Galeria Lurixs no Rio, Galeria Nara Roesler, em São Paulo; na Galerie Richard, em Nova York. Tem obras na coleção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio); apresentou uma grande instalação no *Coachella Music Festival* na Califórnia (2017) e criou uma instalação pública permanente no Instituto Casa Firjan no Rio. É editor e cofundador da *Revista Jacaranda*.

SERVIÇO

"Intermédio", de Gustavo Prado

Até 15 de março

Galeria Athena

R. Dr. Melo Alves, 645, Cerqueira César, São Paulo / SP

Dias/Horários: de segunda a domingo, das 9h às 18h

Retire o ingresso gratuitamente via Sympla: <https://www.sympla.com.br/evento/mos-convida-abertura-da-exposicao-intermedio-de-gustavo-prado/2787594?token=3b91477dd2847cb0224200720976e152&referrer=mosincorporadora.com>

"Corpos terrestres, corpos celestes"

Mostra em Salvador propõe diálogo entre os artistas Miguel dos Santos, Erika Verzutti, Gokula Stoffel e Pélagie Gbaguidi, a partir de uma perspectiva contemporânea

A Galatea Salvador une-se à Fortes D'Aloia & Gabriel, em parceria inédita, para exibir a mostra *Corpos terrestres, corpos celestes*. Com curadoria de Tomás Toledo, a coletiva propõe uma interlocução entre Miguel dos Santos (1944, Caruaru), representado pela Galatea, e as artistas Erika Verzutti (1971, São Paulo), Gokula Stoffel (1988, Porto Alegre) e Pélagie Gbaguidi (1965, Dakar), representadas pela Fortes D'Aloia & Gabriel.

Ao colocar Miguel dos Santos em diálogo com Verzutti, Stoffel e Gbaguidi, três artistas mulheres



Miguel dos Santos, *Escravo da imaginação*, 1980

Foto: Divulgação



Da esquerda para a direita: Miguel dos Santos, *Ganga zumba*, 1988; Erika Verzutti, *Venus blue*, 2015; Gokula Stoffel, *Pensando*, 2020
Fotos: Divulgação

de repertórios distintos, a curadoria joga luz sobre a obra do artista pernambucano radicado em João Pessoa, a partir de uma perspectiva contemporânea, criando justaposições entre a sua obra, sobretudo dos anos 1970 e 1980, e a produção recente das artistas convidadas.

O retrato é uma tipologia marcante na obra de Santos e reflete as suas diversas influências estéticas, como o Movimento Armorial, as máscaras da arte tradicional africana e a deformação formal de caráter expressionista. A partir desse interesse temático, a exposição toma a representação da figura humana na obra dos quatro artistas como fio condutor, explorando as deformações, transformações, transmutações e fusões de imagens do corpo. Dividida em seis núcleos, *Retratos, Máscaras, Corpo fragmento, Vênus-mãe, Corpo celeste* e *Totens*, a mostra percorre os pontos de convergência e fricção entre os trabalhos em pintura, desenho e escultura.

Curador e sócio fundador da Galatea, Tomás Toledo comenta a parceria com a Fortes D'Aloia & Gabriel e a abordagem da exposição: *"Parte fundamental do projeto da Galatea Salvador é criar um espaço de trocas, de intercâmbio intelectual e cultural entre o Sudeste e o Nordeste e, nesse sentido, a parceria com a Fortes D'Aloia & Gabriel inaugura uma série de colaborações que pretendemos realizar com outras galerias. Nesta exposição, o nordestino Miguel dos Santos dialoga com duas artistas do Sudeste, Gokula Stoffel e Érika Verzutti, junto com a senegalesa, Pélagie Gbaguidi, investigando como diferentes tradições e contextos artísticos podem se entrelaçar em torno de questões comuns. Para além de celebrar as singularidades de cada artista, também buscamos abordar a obra de Miguel dos Santos em uma perspectiva ampliada, conectada às práticas artísticas globais na contemporaneidade."*

Márcia Fortes, sócia-fundadora da Fortes D'Aloia & Gabriel, discorre sobre as correspondências existentes

entre Miguel dos Santos e Pélagie Gbaguidi, Gokula Stoffel e Érika Verzutti, representadas pela sua galeria: *“As pinturas de Miguel dos Santos parecem retratos, imbuídas de um desejo escultórico latente. Ao passo que suas esculturas incorporam mistérios, como máscaras. Tudo em sua obra acontece naquele lugar além da realidade física e visível. É nesse território intangível que a obra de Miguel encontra os trabalhos de Pélagie Gbaguidi, de Gokula Stoffel e de Érika Verzutti. Ao mesmo tempo pintoras e escultoras, as obras dessas artistas imprimem formas do corpo enquanto emanam auras. A conversa entre todos os trabalhos flui naturalmente. O que temos aqui são quatro artistas transitando livremente entre corpos terrestres e corpos celestes.”*

Durante o período da exposição, a artista senegalesa de origem beninense Pélagie Gbaguidi estará na capital baiana em residência no Pivô Salvador, aprofundando sua pesquisa sobre a herança afrodiaspórica na cidade, seus desdobramentos na cultura popular, na dança e na música, e a maneira como esse complexo histórico se relaciona com o colonialismo.

SOBRE MIGUEL DOS SANTOS

Miguel dos Santos (1944) nasceu em Caruaru, PE; desde 1960 mora em João Pessoa, PB, onde tem seu ateliê. Autodidata, trabalha linguagens diversas, como a pintura, a cerâmica e a escultura em mármore e madeira, combinadas a referências da cultura popular do Nordeste, das mitologias dos povos originários das Américas e da arte iorubá trazida pelos povos da África. Ao lado de nomes como Ariano Suassuna, Francisco Brennand e Gilvan Samico, fez parte do Movimento Ar-

morial lançado no Recife em 1970. Figuras como Aleijadinho e Mestre Vitalino também influenciam amplamente a sua produção.

Entre as suas exposições mais recentes estão *A forma do fim: esculturas no acervo da Pinacoteca*, Pinacoteca de São Paulo, 2024; e *Movimento Armorial – 50 Anos*, CCBB Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, 2022. Suas obras fazem parte de importantes coleções permanentes, entre as quais, Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB Brasília; Museu de Arte de São Paulo – MASP; Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM, Salvador; Museu da Casa Brasileira – MCB, São Paulo; Sítio Roberto Burle Marx – IPHAN, Rio de Janeiro; e Pinacoteca de São Paulo.



Miguel dos Santos, *Me*, 1975
Foto: Divulgação



Erika Verzutti, *Vênus boneca*, 2022



Erika Verzutti, *Smal God*, 2022

Fotos: Divulgação

SOBRE ERIKA VERZUTTI

Erika Verzutti (1971, São Paulo) vive e trabalha entre São Paulo e Bruxelas. Utiliza materiais como papel machê, bronze, gesso, concreto, tinta acrílica, óleo e cera, ocupando a zona de contato entre a pintura e a escultura, numa prática abrangente e onívora. As superfícies de suas esculturas são frequentemente rugosas, riscadas, escavadas e recortadas, impondo notações da artista às formas reconhecíveis ou abstratas. Sua prática encontra um intercâmbio entre propriedades materiais e carga simbólica, reprocessando tanto a escultura modernista quanto a construção vernacular. A rede de alusão criada pelas esculturas de Verzutti produz um campo de ressonâncias entre as figuras construídas e as referências culturais que seus contornos e silhuetas evocam.

Suas exposições individuais incluem *The life of sculptures*, LUMA Arles, Arles, França (2024); *Notizia*, ICA Milano, Milão, Itália (2024); *Tantra*, Museo Experimental El Eco,

Cidade do México, (2023); e Andrew Kreps Gallery, Nova York, EUA (2022). Participou também de diversas coletivas, entre elas *Geneva Biennale–Sculpture Garden*, Genebra, Suíça (2022); e *Crumple*, Vin, Vin Gallery, Viena, Áustria (2020). Obras da artista figuram em coleções públicas como Centre Georges Pompidou, Paris, França; Inhotim, Brumadinho, MG; MASP e Tate Modern, Londres, UK.

SOBRE GOKULA STOFFEL

Gokula Stoffel (1988, Porto Alegre) vive e trabalha em São Paulo. A artista incorpora tecidos que ganhou de presente, ramos de lavanda colhidos nas imediações de seu ateliê, exercícios diários quase meditativos, conversas com amigos e conhecidos. Estofados, urdiduras, resinas, fibras naturais e sintéticas compartilham o espaço em composições que articulam a execução livre com uma intensidade emocional palpável, numa pesquisa que atravessa suportes como pintura, escultura, tecelagem e desenho. Stoffel usa as mãos em um

trabalho, pincel e linha de costura em outros, descobrindo uma ordem subjacente às suas obras, escorada não na fidelidade a uma técnica e sua execução límpida, mas numa prática sinuosa, que incorpora o acaso e as propriedades inerentes da matéria.

Suas exposições individuais incluem *The Moon Between My Teeth*, Elizabeth Xi Bauer, London, UK (2023); *Es-pantália*, Lanterna Mágica | Projeto Vênus, São Paulo, (2023); *Persona*, Fortes D'Aloia & Gabriel (2021); e *Change-Change Project*, Budapeste, Hungria (2018). Entre as coletivas constam *Paêbirú: o caminho do sol*, Espaço Delirium, São Paulo, (2024); *Nunca só essa mente, nunca só esse mundo*, Carpintaria, Rio de Janeiro, (2023); *Drops*, Galeria Index, Brasília (2021);

Gokula Stoffel, *Pensamento mineral*, 2024
Fotos: Divulgação



Night fall, Mendes Wood DM, Bruxelas, Bélgica (2018); e *Individuation as na Instrument of Abstraction*, Kunstverein, Berlim, Alemanha (2016).

SOBRE PÉLAGIE GBAGUIDI

Pélagie Gbaguidi (1965, Dakar) vive e trabalha em Bruxelas. A artista articula as correntezas sociais e simbólicas do legado colonial e pós-colonial, processando os significantes do trauma por meio de imagens materialmente incorporadas. Em suas pinturas e desenhos, produz uma coreografia em pigmentos vívidos e borrados, onde o espaço é disputado por corpos e silhuetas sobrepostas. Os confrontos tensos entre a demarcação abstrata e a referência figurativa reproduzem choques entre reconhecimento e estranhamento. A artista se

Gokula Stoffel, *Como a natureza em si*, 2024





Pélágie Gbaguidi, *Quel est le sens de la vie sur terre et la fabrique de la conscience*

descreve como uma *griot* contemporânea – uma contadora de histórias da África ocidental, redefinindo a dimensão da oralidade na herança tradicional por meio de sua própria abordagem plástica.

Entre as mostras individuais recentes destacam-se *Quel est le sens de la vie sur terre et la fabrique de la conscience*, Repaire Urbain, Angers, França (2024); e *De-fossilization of the Look*, Mimosa House, Londres, UK (2023). A artista, que participou também das coletivas *Resilience Acquisitions by the Flemish Community*, S.M.A.K., Municipal Museum of Contemporary Art, Ghent, Bélgica (2023); e *Ecrire, c'est dessiner*, Centre Pompidou-Metz,



Pélágie Gbaguidi, *Le jour se lève*

Fotos: Divulgação

Metz, França (2021), tem obras em importantes coleções públicas, entre elas Centre Pompidou, Bruxelas, Bélgica; Holocaust Memorial Foundation, Chicago, EUA; e Kunstmuseum Basel, Kupferstichkabinett, Basel, Suíça.

SERVIÇO

Corpos terrestres, corpos celestes – Miguel dos Santos, Erika Verzutti, Gokula Stoffel e Pélágie Gbaguidi

Até 24 de maio

Galatea Salvador

R. Chile, 22, Centro, Salvador / BA

Dias/Horários: terça a quinta das 10 às 19h; sexta das 10h às 18h; sábado das 11h às 15h

Mais informações: <https://www.galatea.art/>

LONDRES EM 2025: UM ANO IMPERDÍVEL

Maria Hermínia Donato

Os museus e galerias da capital britânica prometem surpreender com uma programação repleta de exposições espetaculares. De obras que revisitam o nascimento do modernismo brasileiro a retrospectivas de artistas consagrados, cada espaço cultural da cidade se transforma em um convite para explorar histórias, culturas e perspectivas únicas. Confira abaixo as exposições que você não pode perder neste ano

ROYAL ACADEMY OF ARTS

A exposição **“Brasil, Brasil! The Birth of Modernism”**, traz um panorama vibrante da arte brasileira entre 1910 e 1970. Reunindo 130 obras de dez artistas essenciais, como Tarsila do Amaral, Djanira, Anita Malfatti e Cândido Portinari, a mostra explora o desenvolvimento do modernismo no Brasil. Os trabalhos expostos destacam a fusão única de influências europeias com a rica diversidade cultural brasileira, refletindo as transformações sociais, políticas e estéticas do período. A exposição promete revelar ao público internacional a força criativa e a originalidade que definem a arte moderna do Brasil. – Até 21/04/2025

Astonishing Things: The Drawings of Victor Hugo – A Royal Academy of Arts apresenta uma rara exposição das obras de Victor Hugo como desenhista, não vistas

Djanira, *Empinando uma pipa*, 1950

Foto: Humberto Pimentel / Itaú Cultural. © Instituto Pintora Djanira





Kerry James Marshall Hon RA, *Untitled (Studio)*, 2014

© Kerry James Marshall. Foto: Matthew Hollow. Image courtesy the artist and David Zwirner, London

no Reino Unido há mais de 50 anos. Em parceria com os Museus de Paris e a Biblioteca Nacional da França, a mostra explora a evolução de Hugo, desde caricaturas iniciais até abstrações experimentais, revelando um lado menos conhecido de sua genialidade.

De 21/03 a 29/06/2025

Kiefer / Van Gogh – Pela primeira vez, obras de Anselm Kiefer e Vincent van Gogh serão exibidas juntas. A mostra reúne pinturas e desenhos de Van Gogh, emprestados do Museu Van Gogh, e obras inéditas de Kiefer inspiradas pelo artista pós-impressionista, cuja

influência moldou sua trajetória ao longo de seis décadas. Uma conexão única entre dois grandes nomes da arte. – *De 28/06 a 26/10/2025*

Kerry James Marshall – A primeira grande exposição de Kerry James Marshall no Reino Unido em quase 20 anos reúne cerca de 70 obras. Conhecido por suas pinturas figurativas e murais, Marshall celebra as figuras negras enquanto revisita o passado e imagina futuros otimistas, conectando memórias pessoais, cultura contemporânea e ficção científica.

De 20/09/2025 a 18/01/2026

TATE GALLERY

A Tate Gallery anunciou uma programação diversificada de exposições para 2025, distribuídas entre a *Tate Modern* e a *Tate Britain*. A seguir, uma visão geral condensada das principais exposições em cada local:

TATE MODERN

Leigh Bowery! – Uma retrospectiva dedicada ao artista multifacetado Leigh Bowery, destacando sua influência na cena cultural de Londres nos anos 1980 e 1990.

27/02 a 31/08/2025

The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House – Uma imersão nas instalações de tecido e outras obras do artista coreano Do Ho Suh, explorando temas de pertencimento e conexão. – *De 1º/05 a 19/10/2025*

Emily Kam Kngwarray – A primeira grande exposição europeia da artista australiana, apresentando suas monumentais telas que refletem seu envolvimento espiritual e ecológico com suas terras natais.

De 10/07 a 11/01/2026



Leigh Bowery,
*Fergus Greer,
Leigh Bowery
Session I
Look 2, 1988*
© Fergus Greer

Nigerian Modernism – Uma exposição coletiva que celebra os artistas que revolucionaram a arte moderna na Nigéria, combinando tradições africanas e europeias. – *De 8/10 a primavera de 2026*

Picasso: The Three Dancers – Uma análise aprofundada da icônica obra de Picasso, “*As Três Dançarinas*”, no centenário de sua criação, explorando sua fascinação pela dança, sexo e morte.

De 17/09 a primavera de 2026

Light and Magic: The Birth of Art Photography – Grande exposição fotográfica sobre o Pictorialismo Global, mostrando como fotógrafos de todo o mundo redefiniram a fotografia como uma forma de arte entre as décadas de 1880 e 1960.

De 4/12 a 25/05/2026



Pablo Picasso,
*The Three
Dancers, 1925*
© Succession Picasso
/ DACS 2024



Da esquerda para a direita: Edward Burra, *Three Sailors at a Bar*, 1930 — © The estate of Edward Burra, courtesy Lefevre Fine Art, London; Ithell Colquhoun, *Scylla*, 1938 — © Spire Healthcare, © Noise Abatement Society, © Samaritans

TATE BRITAIN

Ed Atkins — Exposição abrangente do artista britânico contemporâneo Ed Atkins, conhecido por seus vídeos e animações que exploram a relação entre representação e experiência corporal. — De 2/04 a 25/08/2025

Edward Burra – Ithell Colquhoun — Duas exposições individuais que destacam as contribuições distintas desses artistas britânicos ao surrealismo e à arte moderna.

De 13/06 a 19/10/2025

Lee Miller — A mais extensa retrospectiva da fotógrafa surrealista Lee Miller já realizada no Reino Unido, apresentando 250 imagens, incluindo algumas inéditas.

De 2/10 a 15/02/2026

Turner and Constable — Uma exposição que reúne os mais famosos rivais artísticos da Grã-Bretanha, J.M.W. Turner e John Constable, marcando o 250º aniversário de seus nascimentos.

De 27/11 a 12/04/2026

V&A MUSEUM

Cartier – Mais de 350 joias e objetos icônicos da Maison Cartier, revelando seu legado em arte e design.

De 12/04 a 16/11/2025

Marie Antoinette Style – Apresentará a primeira exposição no Reino Unido sobre Maria Antonieta, explorando como seu estilo influenciou mais de 250 anos de moda, design e artes. Com peças variadas, como vestidos de alta-costura e instalações audiovisuais, a mostra revisita o legado da rainha, cuja elegância e notoriedade permanecem uma fonte de inspiração atemporal. – *De 20/09 a 22/03/2026*



Marie Antoinette Style

Foto: Site do V&A Museum / Reprodução

YOUNG V&A MUSEUM

Making Egypt – Artefatos históricos e a influência do Egito antigo na cultura popular, conectando passado e presente com uma abordagem interativa.

De 15/02 a 2/10/2025

DESIGN MUSEUM

Splash! A Century of Swimming and Style – Explora a evolução dos trajes de banho e piscinas, destacando o impacto da moda aquática na cultura pop.

De 18/03 a 17/08/2025



Making Egypt, 'Nu' shabti, Close

© Artwork by Zahed Tajeddin. Victoria and Albert Museum, London

COURTAULD GALLERY

Goya to Impressionism (Masterpieces from Oskar Reinhart Collection) – Exibição inédita no Reino Unido das obras impressionistas e pós-impressionistas da coleção Oskar Reinhart, com Van Gogh e Toulouse-Lautrec. De 14/02 a 22/05/2025



Vincent van Gogh, *A Ward in the Hospital at Arles*, 1889
Image: The Swiss Confederation, Federal Office of Culture, Oskar Reinhart Collection "Am Römerholz", Winterthur

NATIONAL GALLERY

Siena: The Rise of Painting, 1300-1350 – Explora o esplendor artístico de Siena com vidros dourados, manuscritos iluminados e obras-primas do início do Renascimento. De 8/03 a 22/06/2025



Simone Martini, *The Angel Gabriel*, c. 1326-34
© Collection KMSKA - Flemish Community / Foto: Hugo Maertens

José María Velasco: A View of Mexico – Primeira exposição que a Galeria Nacional apresenta um artista latino-americano, coincidindo com 200 anos de relações diplomáticas entre o Reino Unido e o México. A exposição apresentará cerca de 30 pinturas e desenhos,

a maioria de coleções mexicanas privadas e públicas, incluindo 17 do Museo Nacional de Arte (MUNAL, Cidade do México), o principal museu público do México.
De 29/03 a 17/08/2025



José María Velasco, *The Valley of Mexico from the Hill of Santa Isabel*, 1877 © Reproducción autorizada por el Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura, 2024

WALLACE COLLECTION

Grayson Perry: *Delusions of Grandeur* – Exposição pessoal do artista britânico celebrando seus 65 anos, com cerâmicas e têxteis inspirados na coleção do museu.
De 28/03 a 26/10/2025

SOMERSET HOUSE

SOIL: *The World at Our Feet* – Comemorando 25 anos do espaço, a mostra explora o solo como protagonista, abordando mudanças climáticas e justiça ambiental por

meio de fotografia microscópica e projeções digitais.
De 23/01 a 13/04/2025



SOIL, Jo Pearl

Foto: Site da Somerset House / Reprodução

NATIONAL PORTRAIT GALLERY

Edvard Munch: *Além do Grito* – Muito além de *O Grito*, Munch também foi um mestre nos retratos, como mostra a exposição Edvard Munch Portraits na National Portrait Gallery. A mostra reúne retratos criados tanto por comissões quanto por razões pessoais, explorando a diferença entre obras realistas e outras mais expressivas, evidenciando a profundidade de sua produção.
De 13/03 a 15/06/2025

Edvard Munch, *Käte and Hugo Perls*, 1913
© Foto Munchmuseet / Ove Kvikvik



SERPENTINE SOUTH GALLERY

Grande retrospectiva de **Giuseppe Penone**, apresentando obras de 1977 até o presente. Como uma figura-chave no movimento *Arte Povera*, as esculturas e desenhos de Penone usam materiais como madeira, bronze e cera para explorar a profunda conexão entre a humanidade e o mundo natural. Situada nos arredores de Kensington Gardens, a exposição destaca a vitalidade da natureza e sua poderosa presença na arte, oferecendo um espaço reflexivo sobre a ecologia e nosso relacionamento com o meio ambiente.

De 3/04 a 7/09/2025



Giuseppe Penone, *Respirare l'ombra*, 1999

Foto © Arquivo Penone / Reprodução site Serpentine South Gallery

CONTATOS

Royal Academy of Arts

Burlington House entrance

Piccadilly, London, W1J 0BD

Burlington Gardens entrance

6 Burlington Gardens, London, W1S 3ET

<https://www.royalacademy.org.uk/>

Tate Modern

Bankside, London SE1 9TG

<https://www.tate.org.uk/>

Tate Britain

Millbank, London SW1P 4RG

<https://www.tate.org.uk/>

V&A Museum

South Kensington

Cromwell Road, London, SW7 2RL

<https://www.vam.ac.uk/>

Young V&A

Cambridge Heath Rd, Bethnal Green, London E2 9PA

<https://www.vam.ac.uk/>

Design Museum

224–238 Kensington High Street, London W8 6AG

<https://designmuseum.org/>

The Courtauld at Somerset House

The Courtauld Institute of Art

Somerset House

Strand, London WC2R 0RN

<https://www.somersetthouse.org.uk/>

Wallace Collection

Hertford House

Manchester Square, London, W1U 3BN

<https://www.wallacecollection.org/>

The National Gallery

Trafalgar Square

London, WC2N 5DN

<https://www.nationalgallery.org.uk/>

National Portrait Gallery

St Martin's Place

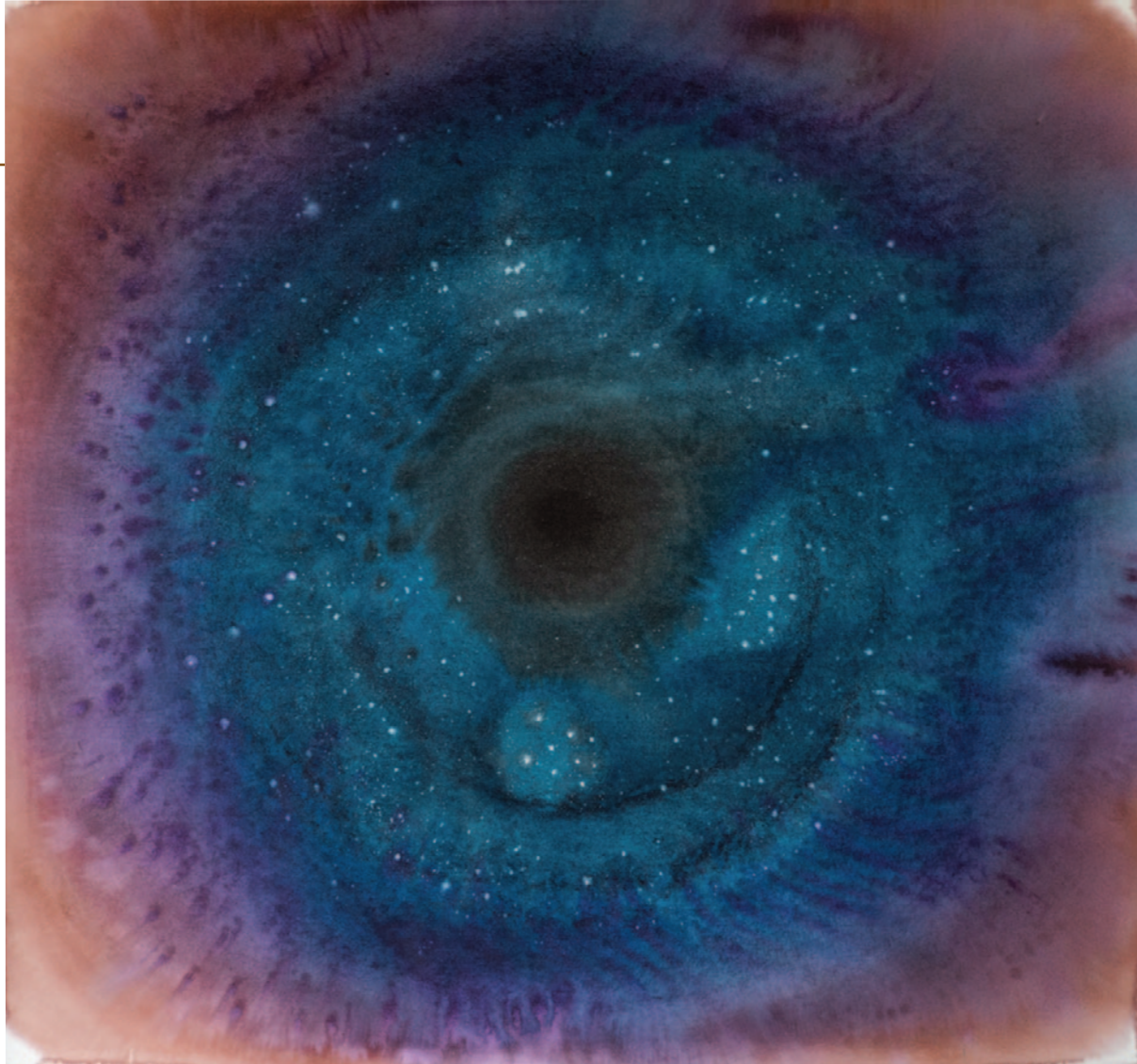
London, WC2H 0HE

<https://www.npg.org.uk/>

Serpentine South Gallery

Kensington Gardens, London W2 3XA

<https://www.serpentinegalleries.org/>



Thiago Rocha Pitta, *Mapa celeste da noite*, 2021

Foto: Divulgação

INATIVIDADE CONTEMPLATIVA

Obra do filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han é vetor poético da coletiva que abre o calendário expositivo da Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ

Trabalhos de Claudia Jaguaribe, Gabriela Machado, Fernando Lindote, Lenora de Barros, Maria Baigur, Maritza Caneca, Rosana Palazyan e Thiago Rocha Pitta, entre outros artistas representados e convidados, convocam o espectador a uma suspensão do tempo

A hiperconexão e a produtividade são imperativos do mundo contemporâneo. Em oposição, o ócio e o contemplativo são estados originais do ser. Como existir na chamada Era dos Excessos? Em resposta, Anita Schwartz Galeria de Arte inaugura a programação de exposições de 2025 com *Inatividade contemplativa*, 5ª edição do Projeto GAS, sob a curadoria de Cecília Fortes.

Inspirada no livro *“Vita contemplativa: ou sobre a inatividade”*, do filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, a nova exposição reverência a pausa, o respiro e a fruição do tempo livre como um momento de repouso sagrado que reúne em si intensidade vital. É um convite à suspensão do tempo, uma afirmação do elemento contemplativo.

“Em seu ensaio, Han pondera sobre a importância da inatividade para o ser humano e argumenta que onde impera apenas o esquema de estímulo e reação, problema e solução, objetivo e ação, a vida se reduz à sobrevivência. Se perdemos a capacidade para a inatividade, nos igualamos a uma máquina que deve apenas funcionar. Sem o repouso, o ser humano se esvai de vitalidade e perde o divino”, observa Cecília Fortes, curadora da exposição e gestora artística da galeria. *“Para ele, o ser humano não é senão um concidadão em uma*



Adriana Vignoli, *Série Pequeno Concreto I*

Foto: Divulgação

república dos seres vivos, da qual também fazem parte plantas, animais, pedras, nuvens e estrelas”.

Inatividade contemplativa bebe dessa fonte e reúne obras de artistas representados pela Anita Schwartz Ga-

leria de Arte e alguns convidados, que se conectam com o princípio da contemplação como um momento rico de fruição. Uma seleção de pinturas, esculturas, fotografias e obras desenvolvidas em diferentes técnicas, como afresco, bordado e mídia mista, evocam outras dimensões de temporalidade e despertam novos territórios do sensível no espaço expositivo da galeria. É a arte como antídoto.

Completam o projeto duas ativações que se conectam à proposta conceitual, a serem realizadas em fevereiro e março, respectivamente: um sarau de poesia conduzido pela poeta carioca Luiza Mussnich, e uma prática de respiração consciente e de meditação sonora (*sound healing*), com Guga Dale e Victor Chateaubriand.

OS ARTISTAS E AS OBRAS

A contemplação da natureza é o ponto de partida das obras expostas no andar térreo da galeria. Adriana Vignoli apresenta esculturas, objeto e desenho-collagem que abordam a relação entre plantas e cosmologia, e a transmutação de materiais.

Da apreciação e registro fotográfico de diferentes rios do Brasil nasce *“Confluência”*, composição digital de Claudia Jaguaribe. Em sua série mais recente, Fernando Lindote parte da contemplação das cores, formas e texturas das flores para a produção de obras que misturam diferentes estilos de pintura em uma única composição.

Gabriela Machado incorpora as formas da natureza e a observação do ambiente que a rodeia em painéis de grande escala e cores vibrantes, através de movimen-

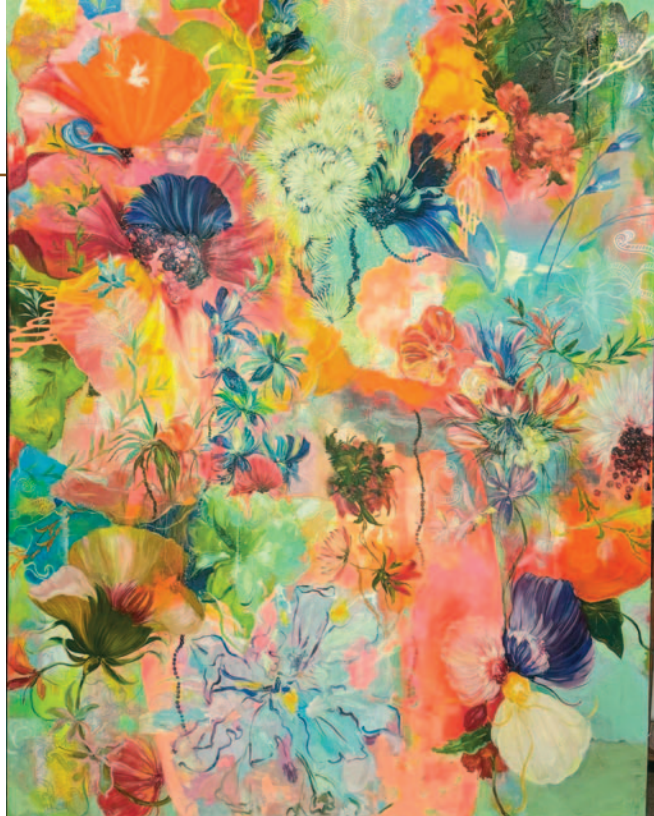
tos gestuais fluidos, que conectam o corpo da artista ao corpo da pintura. Luiz Eduardo Rayol manifesta o sublime e reflete sobre existência e mortalidade através de *“Toda a história do mundo”*, pintura de contorno irregular.



Claudia Jaguaribe, *Confluências*, 2019

Foto: Divulgação

Rosana Palazyan registra em bordado a memória das folhas que viu nascer, das plantas adormecidas que ger-



Fernando Lindote, *A cisão da superfície - Vaso Rosa*, 2024
Foto: Divulgação

minaram no jardim e foram replantadas na terra do Parque da Catacumba, durante o desenvolvimento da obra *“O jardim adormecido da Catacumba”*, realizada em 2024.

Thiago Rocha Pitta incorpora em afresco e aquarela elementos captados pela retina em momentos de observação minuciosa do céu, durante a noite: um eclipse, um cometa, a imagem do mapa celeste. E as composições abstratas de Tiago Mestre partem de uma constante observação do mundo e incorporam elementos como fogo, fumaça, corpos celestes e terrestres, além de refletirem sobre temas relacionados à nossa genealogia cósmica e à interconexão de todas as coisas.

No segundo andar da galeria, o convite à contemplação se dá pela poesia, pelo onírico e pela curiosidade acerca de formas e materiais. Bruna Snaiderman nos



Rosana Palazyan, *O Jardim adormecido e a memória da terra*, 2024
Foto: Divulgação

instiga a desvendar o efeito óptico de sua obra laminada. Lenora de Barros saltita nas sílabas do silêncio com a sua poesia performática. Maria Baigur capta nosso olhar pelo movimento de marés improváveis, enquanto Maritza Caneca hipnotiza nossos sentidos num registro particular de luz e cor. Nathalie Ventura suscita reflexões acerca do sentido da existência e nossa relação com o meio-ambiente, através de esculturas que entrelaçam malha de alumínio e ferro com elementos naturais. E Thiago Rocha Pitta apresenta aquarelas em pequeno formato, sugerindo reflexões sobre o ambiente natural e o universo onírico.

SOBRE O PROJETO GAS

Apropriando-se das características do elemento etéreo, abstrato e simbólico, o Projeto GAS pretende impulsionar a circulação de artistas jovens e com até 20 anos de carreira para dilatar os horizontes e sublimar fron-



Lenora de Barros, *Só por es-tar* – edição 4

Foto: Divulgação

teiras no circuito. Teve início em 2021, por meio de uma chamada aberta, com o objetivo de ser uma espécie de força motriz para a escuta e exposição de novas vozes da arte contemporânea brasileira. Cecília Fortes assina a curadoria.

SERVIÇO

Inatividade contemplativa | Projeto GAS - 5ª edição

Até 22 de março

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2540-6446

Dias/Horários: segunda a sexta, 10h às 19h; sábado, 12h às 18h

<https://www.anitaschwartz.com.br/>

Instagram: [@galeria_anitaschwartz](https://www.instagram.com/galeria_anitaschwartz)

Thiago Rocha Pitta, *O broto e os sonhos* (tríptico)

Foto: Divulgação



Maria
Baigur
Maré I

Foto:
Divulgação



Nathalie
Ventura,
da série
Lembranças
de que
existimos

Foto:
Divulgação

"AGUAS COMPOSTAS", exposição individual de Willian Santos na Zipper Galeria, SP



Foto: Divulgação

O novo artista representado pela galeria faz sua estreia com exposição individual marcada por abordagem ousada e experimental

Willian Santos tem sua obra inspirada por técnicas como a *action-painting*, marcada por gestos furiosos e expressivos, além de muito meticulosos. Grande parte de seus trabalhos é de grandes formatos, reflexo de sua experiência como artista urbano.

Em *Águas Compostas*, ele apresenta uma série de obras inéditas que expandem sua pesquisa sobre a figuração enigmática e os paradoxos visuais. Sua produção explora temas como alquimia, mitologia, história da arte

e questões ambientais, além de incorporar elementos culturais, como símbolos xamânicos e referências à cultura popular brasileira.

A pesquisa de Willian Santos se caracteriza por uma relação íntima com os materiais e processos que utiliza, enfatizando a reutilização de resíduos de suas criações anteriores. Ele adota uma abordagem de "logística reversa", onde vestígios e fragmentos de trabalhos concluídos guiam a criação de novas obras, muitas vezes

transformando o suporte em um espaço que carrega memórias materiais e simbólicas.

A pintura, enquanto sua linguagem central, é desafiada e expandida por experimentações que incorporam materiais naturais e técnicas mistas. Willian utiliza a técnica da encáustica – uma mistura de cera de abelha e pigmentos – para criar suas obras. As superfícies ganham textura e densidade, enquanto a composição desafia a linearidade, propondo leituras que oscilam entre a memória coletiva e o subjetivo. Ao mesmo tempo, o uso de símbolos e máscaras evoca a força das tradições e dos saberes ancestrais – um rito visual que conecta o espectador ao poder da criação.

SOBRE WILLIAN SANTOS

Nascido em Curitiba, Paraná, em 1985, Willian Santos

é um artista visual radicado em Florianópolis, Santa Catarina. Sua produção abrange pinturas, desenhos, objetos e instalações site-specific. Iniciou sua trajetória expositiva em 2007 e, desde então, tem consolidado seu trabalho com uma série de exposições individuais e coletivas.

SERVIÇO

Águas Compostas – William Santos

Até 15 de março

Zipper Galeria

Rua Estados Unidos, 1494, Jardim América, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

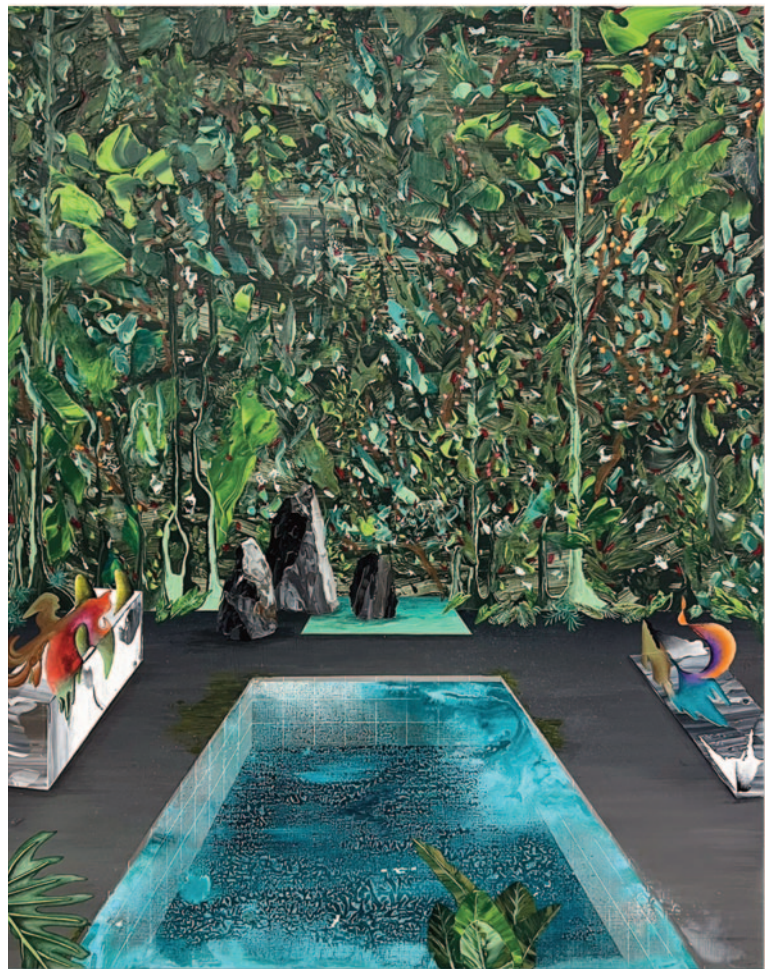
sábados, das 11h às 17h

<https://www.zippergaleria.com.br>

<https://www.instagram.com/zippergaleria/>



Fotos: Divulgação





Fiar

Foto: Zanete Dadalto

“CELEBRAR OS SONHOS E OS MISTÉRIOS”

*Em mostra inédita, Rick Rodrigues e OÁ Galeria, ES,
comemoram 10 anos de parceria*

A exposição inaugural de 2025 da OÁ Galeria apresenta os últimos 10 anos de produção de Rick Rodrigues, jovem artista joão-neivense, reconhecido pela sensibilidade e poesia de suas obras. Ao longo dessa parceria, o artista navegou por uma ampla gama de linguagens

artísticas – do grafite ao bordado, do desenho aos pequenos objetos. Suas criações refletem a busca por formas genuínas de expressar temas universais como saudade, memória e presença, conectando o público de maneira íntima e pessoal.



Fiar

Foto: Zanete Dadalto

Rick é um artista que explora o mundo sem mapas, permitindo que o processo criativo aconteça organicamente. Como ele mesmo diz: *“Experimento sem tentar entender o que está acontecendo, e isso vai sendo elaborado enquanto se faz.”* A espontaneidade e a verdade intrínseca de seu trabalho artístico tornam suas ousadas transições estilísticas – como transformar desenhos em objetos, grafite em bordado ou gravuras em instalações monumentais – algo completamente natural e inevitável.

O artista constrói verdadeiras estratégias de sobrevivência em uma realidade muitas vezes árida. Suas

obras nos convidam a sonhar e refletir, oferecendo um refúgio onde a memória é um campo aberto para interpretações e preenchimentos pessoais. Rick Rodrigues ressignifica o passado e o transforma em histórias de saudade, presença, memória e laços de afeto.

“A exposição “celebrar os sonhos e os mistérios” é um convite a revisitar uma década de descobertas, transformações e poesia visual”, afirma a galerista Thais Hilal.

SOBRE RICK RODRIGUES

Artista multidisciplinar nascido em João Neiva (ES), onde vive e trabalha, é graduado em Artes Plásticas e



Mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Sua pesquisa explora o espaço da intimidade, do devaneio, da imensidão e da sensibilidade compreendidos através da fenomenologia poética da casa, da morada como proteção e espaço de habitação. Trabalha com séries de desenhos, gravuras, bordados, objetos e pequenas instalações.



Fotos: Divulgação

SOBRE A OÁ GALERIA

Inaugurada pela galerista Thais Hilal e com 17 anos de atuação, a OÁ surgiu motivada pelo desejo de valorizar, difundir e contribuir com a construção de um olhar sensível para a arte contemporânea. Sua atuação acompanha o desenvolvimento de artistas visuais e a difusão de suas obras em diferentes propostas e linguagens.

SERVIÇO

*celebrar os sonhos e os mistérios,
de Rick Rodrigues*

Até 14 de março

OÁ Galeria

Av. César Hilal, 1180, loja 9, Praia do Suá,
Vitória / ES

Tel.: (27) 99944-5001

E-mail: contato@oagaleria.com.br

Instagram: [@oagaleria](https://www.instagram.com/oagaleria)

Dias/Horários: segunda a sexta
(exceto feriados), das 10h às 19h



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868